

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES**

ARTHUR FACHINI MAZIERO

VOZ ATIVA, DESTINO ESCOLHIDO: AS ELEIÇÕES DE 1989

CAXIAS DO SUL

2019

ARTHUR FACHINI MAZIERO

VOZ ATIVA, DESTINO ESCOLHIDO: AS ELEIÇÕES DE 1989

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado
à banca examinadora como requisito para
aprovação no curso de Licenciatura em História
pela Universidade de Caxias do Sul

Orientadora Prof.^a. Dr.^a. Eliana Gasparini Xerri

CAXIAS DO SUL

2019

ARTHUR FACHINI MAZIERO

VOZ ATIVA, DESTINO ESCOLHIDO: AS ELEIÇÕES DE 1989

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à banca examinadora como requisito para aprovação no curso de Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul

Orientadora Prof.^a. Dr.^a. Eliana Gasparini Xerri

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Eliana Gasparini Xerri
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, que sempre estimulou o desenvolvimento do meu pensamento crítico. À minha mãe, por ter me inspirado a escolher uma licenciatura. Ambos sempre me mostraram a importância do processo democrático desde meus primeiros anos de vida.

Gostaria de agradecer à minha orientadora Eliana Gasparini Xerri, que estimulou e incentivou a desenvolver todas as questões do meu trabalho. Sua orientação e seu apoio foram essenciais para a minha evolução enquanto acadêmico e para o desenvolvimento deste trabalho. Sua forma entusiasmada de reagir às minhas colocações foram imprescindíveis para que o resultado esperado fosse alcançado. Muito obrigado pelas conversas e orientações que tivemos ao longo de dois semestres e pelos empréstimos e indicações de obras.

Meu agradecimento especial à Maria Isabel Taques pelo seu apoio incondicional nas minhas escolhas e decisões, tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal. Graças a ela, pude crescer como pessoa de forma imensurável. Sem sua companhia, a realização deste trabalho não teria sido possível.

Sou grato aos meus familiares, meus amigos e a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, com destaque para: Bibiana Gasparini Xerri, Erich Casagrande, Erick da Silva Porto, João Ignácio Pires Lucas e Ramone Mincatto.

*“A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a Roda-Viva
E carrega o destino para lá...”*

Chico Buarque de Hollanda

RESUMO

Este trabalho analisa os programas eleitorais do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral do primeiro e do segundo turno nas eleições presidenciais de 1989 através da História Política. O objetivo é comparar os programas eleitorais transmitidos na televisão entre setembro e dezembro com as pesquisas de intenção de voto dos institutos de pesquisa Datafolha e IBOPE. A partir dessa análise, são identificados alguns aspectos que determinaram o sucesso ou não da campanha de cada candidato à presidência. Para isso, foi observado o discurso, a filiação partidária, a ideologia política, a participação em movimentos sociais, o passado da vida pessoal e política, a postura e as propostas de cada um. Além da propaganda eleitoral, a situação da economia, educação e da saúde do país durante o governo do presidente José Sarney, também foi considerada para explorar as mudanças propostas pelos presidentiáveis em suas campanhas. Através dessa análise, procura-se descobrir as razões da escolha do eleitorado para o próximo presidente da República.

Palavras-chave: Candidatos, Eleição de 1989, História Política, Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral.

ABSTRACT

This paper analyzes the electoral programs of the Free Election Propaganda Schedule of the first and second round in the 1989 presidential elections through political history. The objective is to compare the electoral programs broadcast on television between September and December with the voting polls of the Datafolha and IBOPE polling institutes. From this analysis, it is identified some aspects that determined the success or not of the campaign of each presidential candidate. For this, it was observed the discourse, party affiliation, political ideology, participation in social movements, the past of personal and political life, the posture and proposals of each. In addition to electoral propaganda, the economic, educational and health situation of the country during President Jose Sarney's rule was also considered to exploit the changes proposed by the presidential campaigners. Through this analysis, we sought to find out the reasons for choosing the electorate for the next president of the Republic.

Key Words: 1989 Election, Candidates, Free Electoral Propaganda Schedule, Political History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os Sete Candidatos Analisados	18
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados da Vida Pessoal dos Candidatos.....	19
Quadro 2 - Dados da Vida Política dos Candidatos	21
Quadro 3 - Candidatos e Tempo de TV.....	23
Quadro 4 - Resultado do Primeiro Turno	47
Quadro 5 - Resultado do Segundo Turno	51

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI-5	Ato Institucional Número 5
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
HGPE	Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PIB	Produto Interno Bruto
PL	Partido Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 AS PROPAGANDAS ELEITORAIS	23
2.1 PRIMEIRO TURNO	23
2.1.1 Programa do dia 20 de setembro	23
2.1.2 Programa do dia 21 de setembro	25
2.1.3 Programa do dia 01 de outubro	26
2.1.4 Programa do dia 04 de outubro	28
2.1.5 Programa do dia 06 de outubro	30
2.1.6 Programa do dia 16 de outubro	32
2.1.7 Programa do dia 04 de novembro	33
2.1.8 Programa do dia 12 de novembro	35
2.2 SEGUNDO TURNO	37
3 ANÁLISE DOS PROGRAMAS E RESULTADOS DA ELEIÇÃO	42
3.1 ANÁLISE DOS PROGRAMAS DO PRIMEIRO TURNO	43
3.2 ANÁLISE DOS PROGRAMAS DO SEGUNDO TURNO	48
3.3 IMPORTÂNCIA DA ELEIÇÃO PARA OS CANDIDATOS	52
4 CONCLUSÃO	54
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

1 INTRODUÇÃO

Em 1964, o então presidente João Goulart foi deposto pelo movimento militar com o apoio de setores da sociedade civil. O resultado do movimento culminou na ditadura civil-militar no Brasil. Durante quase três décadas, a população brasileira não pôde mandar em seu destino. Os presidentes eram eleitos de forma indireta, numa votação onde a oposição era controlada pelo governo da situação. A partir de diálogos familiares sobre a importância da democracia, suscitou-me compreender melhor o primeiro processo eleitoral do qual meus pais participaram.

A análise realizada no presente trabalho foi feita a partir dos vídeos hospedados no site YouTube contendo as propagandas eleitorais da eleição de 1989. O critério para escolha dos vídeos foi a exibição do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) sem cortes e de diferentes períodos da campanha, mais precisamente entre 20 de setembro e 12 de novembro no primeiro turno e 28 de novembro e 12 de dezembro no segundo turno.

Os programas eleitorais do primeiro turno iniciaram no dia 15 de setembro e acabaram no dia 12 de novembro. Já durante o segundo turno, os programas iniciaram no dia 28 de novembro e terminaram em 14 de dezembro. Através dos programas eleitorais durante o HGPE, cada presidenciável procurou persuadir os eleitores para a escolha do voto. Os programas eram marcados, principalmente, pela menção das áreas da agricultura, educação, economia e saúde pública.

A televisão era um produto que estava cada vez mais presente nas casas dos brasileiros. Mais de 60% das residências do país possuíam uma televisão. Essa informação ajuda a compreender a importância dos programas eleitorais, uma vez que os brasileiros utilizavam a televisão para informar-se a respeito dos candidatos. Segundo dados do IBOPE¹, 41% da população assistia frequentemente à televisão. Além disso, 67% dos brasileiros utilizava a televisão como meio para obtenção de informações, enquanto apenas 22% utilizava para diversão.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi o estudo de caso a partir das produções de Barros (2014) sobre a História Comparada². A abordagem do trabalho foi

¹ Instituto de Pesquisa.

² Segundo o autor, a História Comparada impõe a escolha de um recorte geminado de espaço e tempo que obrigará o historiador a atravessar duas ou mais realidades socioeconômicas, políticas ou culturais distintas. A partir desse conceito, a metodologia foi adaptada: o recorte de tempo foi delimitado para abordar sobre o período eleitoral de 1989 em seus dois turnos, o espaço escolhido foi o Brasil e a realidade selecionada foi a História Política durante a década de 1980. Dessa forma, a comparação foi feita entre os candidatos selecionados.

pensada para verificar as singularidades dos programas eleitorais dos candidatos selecionados. A partir da análise dos candidatos como objeto individual, foi possível observar as semelhanças e diferenças entre cada um e com a sua delimitação identifiquei as estratégias dos presidencialistas para chegar ao segundo turno. Além da comparação, foi possível investigar as razões da preferência do eleitorado para a escolha dos candidatos do primeiro e segundo turno e de Fernando Collor de Mello como presidente da República.

Para a revisão da literatura, foram utilizados os autores Alcântara et al. (2003), Avelar (1992), Brustlein et al. (2010), Gomes (2014) e Maciel (2012). Os temas englobam a Ciência Política, Geografia do Voto e História Política. Tais obras possibilitaram analisar os elementos que marcaram e definiram a eleição de 1989.

As últimas eleições presidenciais realizadas no Brasil antes do período da ditadura civil-militar (1964-1985) aconteceram em outubro de 1960. Sendo assim, os brasileiros tiveram que esperar 29 anos para poder eleger seu presidente novamente e por isso, as eleições de 1989 ficaram marcadas por serem as primeiras a serem decididas pelo voto direto desde 1960, quando Jânio Quadros foi eleito presidente.

Na época da eleição presidencial de 1960, a constituição vigente era a Constituição Federal de 1946. O eleitorado brasileiro era formado por um número restrito de indivíduos, conforme os artigos 131 e 132. Segundo o art. 131/1946, “são eleitores os brasileiros maiores de dezoito anos que se alistarem na forma da lei”. Como a última eleição para presidente da república ocorreu em 3 de outubro de 1960, os brasileiros que nasceram depois do dia 3 de outubro de 1942 não participaram das eleições daquele ano.

O art. 132/1946 tratava a respeito dos brasileiros que não tinham direito ao voto: “não podem alistar-se eleitores: I - os analfabetos; II - os que não saibam exprimir-se na língua nacional; III - os que estejam privados, temporária ou definitivamente, dos direitos políticos.” (DEVECHI, 2012). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 39,7% da população brasileira com mais de 15 anos de idade era analfabeta em 1960. Além disso, a população de 0 a 14 anos era equivalente a 42,7% da população total. A partir desses dados, conclui-se que apenas 32% da população total do Brasil pôde votar em 1960, levando em consideração que o voto não era obrigatório.

Considero importantes as referências acima, pois significam a ausência de participação social nos processos eleitorais por vários períodos da história política nacional. A exclusão dos analfabetos privava quase metade da população brasileira de participar de eleições e esses dados

demonstram que a política brasileira foi, durante muitos anos, uma disputa exclusiva da elite nacional.

Depois de anos de repressão, a campanha das *Diretas Já*, iniciada em 1983, protestou contra o governo ditatorial e exigiu que a população brasileira tivesse voz ativa novamente. O evento ganhou grande destaque na mídia nacional, mostrando um povo que queria ter a oportunidade de escolher o representante máximo de seu país. Apesar da grande movimentação popular, as eleições presidenciais de 1985 foram realizadas de forma indireta, com vitória de Tancredo Neves e o direito de escolha do representante máximo do país para todos aqueles manifestantes ficou para quatro anos depois, em 1989.

Com a saúde debilitada, Tancredo Neves não tomou posse e acabou falecendo pouco tempo depois, em 21 de abril de 1985. Em virtude disso, quem assumiu o cargo foi o vice-presidente da chapa, José Sarney. Sendo assim, coube ao ex-senador do Maranhão (1971-1985) finalizar o processo de abertura política e reverter a situação da economia brasileira, que estava em crise desde o início dos anos 80. Em seu governo, através da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), foi promulgada a Constituição Federal de 1988, conhecida como a constituição cidadã.

A Assembleia Nacional Constituinte teve a participação de um total de 594 parlamentares (deputados federais e senadores), sendo 559 titulares e 35 suplentes. Os membros foram eleitos pelo voto direto nas eleições de 1982 e 1986, onde participaram homens e mulheres alfabetizados, uma vez que a Constituição vigente ainda era a de 1967.

Durante a década de 1980, um dos principais problemas do país foi a inflação. Entre 1985 e 1989, houve uma grande oscilação dos índices da inflação, chegando a 1782% no ano das eleições presidenciais (MUNHOZ, 1997), o que acarretava uma mudança dos preços dos produtos de consumo mudavam em pouco tempo e em reajustes salariais frequentes. Em uma tentativa de reverter a situação, o governo de José Sarney lançou os conjuntos de medidas conhecidos como Plano Cruzado I (fevereiro/1986), Plano Cruzado II (novembro/1986), Plano Bresser (junho/1987) e Plano Verão (janeiro/1989) com a intenção de combater a inflação. Esses planos não tiveram o resultado esperado e sua imagem como presidente se desgastou. Anderson (1995, p. 11) afirma que a inflação era necessária para persuadir a opinião pública:

Um amigo neoliberal da equipe [...] confiou-me que o problema crítico no Brasil durante a presidência de Sarney não era uma taxa de inflação demasiado alta – como a maioria dos funcionários do Banco Mundial tolamente acreditava –, mas uma taxa de inflação demasiado baixa. “Esperemos que os diques se rompam”, ele disse, “precisamos de uma hiperinflação aqui, para condicionar o povo a aceitar a medicina deflacionária drástica que falta neste país”.

Apesar do problema da inflação, o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu, ainda que de forma menos acentuada se comparado com o crescimento da década de 1970. A participação da indústria no PIB entre 1985 e 1989 oscilou entre 39% e 42% (IBGE). A partir da década de 1990, a participação da indústria no PIB diminuiu, chegando a 18% em 2018. Somado a esses dados econômicos, é importante mencionar que as dívidas externa e interna cresceram durante o governo de José Sarney. Em 1985, a dívida externa era de US\$ 105 bilhões e a interna de US\$ 131 milhões. Já em 1989, a dívida externa chegou a US\$ 115 bilhões, enquanto a interna aumentou para US\$ 139 milhões.

A insatisfação popular esteve bastante presente no governo de José Sarney e, por conta disso, diversas greves foram organizadas durante o seu mandato. Segundo dados do Atlas Histórico do Brasil, entre 1985 e 1989 foram registrados 45 milhões de grevistas no Brasil (sendo que 16,6 milhões desses grevistas foram contabilizados em 1989). Além desse número, também houve aqueles que participaram da maior greve geral já registrada no país (BRETAS, 2017). Nos dias 14 e 15 de março de 1989, a Central Única dos Trabalhadores e o Comando Geral dos Trabalhadores mobilizaram 35 milhões de brasileiros contra o Plano Verão, que congelava preços e salários dos trabalhadores brasileiros.

Na área da saúde, a mortalidade infantil do país caiu de 66,59 para 50,88 entre 1985 e 1989 (IBGE). Na região Nordeste, que possuía o pior índice de todas as regiões do país, caiu de 95,27 para 77,82. Ao mesmo tempo, a expectativa de vida dos brasileiros cresceu de 62,5 em 1980 para 66,9 em 1991, sendo que essa expectativa era de 63 anos para os homens e 70 anos para as mulheres.

O analfabetismo no país diminuiu de forma tímida durante a década de 1980. Segundo dados do IBGE, a taxa de analfabetismo entre pessoas com mais de 15 anos de idade era de 25,5% em 1980. Em 1991, a taxa caiu para 20,1%.

Apesar da diminuição da mortalidade infantil, expectativa de vida e queda do analfabetismo, o governo de José Sarney ficou marcado pelo desastre na economia. Desde o início da década de 1980, durante o governo de João Figueredo, a inflação no país aumentava de forma assustadora. Mesmo com quatro planos econômicos, José Sarney não conseguiu melhorar as condições da economia do Brasil. Consequentemente, a população enfrentava grandes dificuldades as quais contribuíram para o crescimento do desejo de mudança.

A Constituição Federal de 1988 ampliou o direito do voto para os analfabetos. Os brasileiros de dezesseis e dezessete anos passaram a ter a opção de votar, conforme o art. 14/1988, § 1º da Constituição Federal de 1988: “o alistamento eleitoral e o voto são: I –

obrigatórios para os maiores de dezoito anos; II – facultativos para: a) os analfabetos; b) os maiores de setenta anos; c) os maiores de dezesseis anos e menores de dezoito anos;”. Portanto, para participar das eleições presidenciais de 1989 era necessário ter nascido antes de 15 de novembro de 1973.

O ano das eleições presidenciais, 1989, finalmente chegou e a escolha do presidente estava de volta nas mãos da população. A Constituição de 1988 garantiu ampla participação política a todos os setores da sociedade brasileira. Nas Constituições anteriores, sempre havia alguma restrição para que um grupo social não participasse da escolha dos seus representantes. Mas dessa vez, os brasileiros maiores de 16 anos, independentemente de sua escolaridade, gênero ou renda, tinham em suas mãos a chance de escolher o futuro do país.

Os dados do IBGE mostram que o Brasil tinha 82 milhões de eleitores em 1989, em uma população total de 146 milhões. Ou seja, 56% dos brasileiros estavam aptos a votar em 1989. Esse percentual é 24% maior se comparado com o de 1960. Com esses dados, pode-se observar que os brasileiros nascidos entre 04/10/1942 e 14/11/1973 participaram de eleições presidenciais pela primeira vez em 1989.

A eleição de 1989 mostra-se muito mais que uma simples eleição. Foi um evento inovador no cenário nacional, onde mais da metade da população poderia participar da escolha do presidente do país. Segundo os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), um total de 22 candidatos participaram das eleições daquele ano e muitos lançaram sua candidatura pelo partido que ajudaram a fundar.

Os candidatos eram: Affonso Camargo Neto, do Partido Trabalhista Brasileiro; Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, do Partido da Frente Liberal; Antônio dos Santos Pedreira, do Partido do Povo Brasileiro; Armando Corrêa, do Partido Municipalista Brasileiro; Celso Teixeira Brant, do Partido da Mobilização Nacional; Enéas Ferreira Carneiro, do Partido de Reedificação da Ordem Nacional; Eudes Oliveira Mattar, do Partido Liberal Progressista; Fernando Affonso Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional; Fernando Paulo Nagle Gabeira, do Partido Verde; Guilherme Afif Domingos, do Partido Liberal; José Alcides de Oliveira, do Partido Social Progressista; Leonel de Moura Brizola, do Partido Democrático Trabalhista; Livia Maria Lêdo Pio de Abreu, do Partido Nacionalista; Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores; Manoel Antônio de Oliveira Horta, do Partido da Democracia Cristã no Brasil; Mário Covas Júnior, do Partido da Social Democracia Brasileira; Paulo Gontijo, do Partido do Povo; Paulo Salim Maluf, do Partido Democrático Social; Roberto João Pereira Freire, do Partido Comunista Brasileiro; Ronaldo Ramos Caiado, do Partido Social

Democrático; Ulysses Silveira Guimarães, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro e Zamir José Teixeira, do Partido Comunitário Nacional.

O Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral foi uma novidade no país, sendo apresentado em diversas formas midiáticas, mas foi através do rádio e principalmente da televisão que os candidatos disputavam o voto do eleitorado por meio de *jingles*, imagens, discursos e vídeos durante seus programas eleitorais. O período e a duração da propaganda eleitoral foram definidos pela lei número 7.773/89 de 8 de junho de 1989. Segundo os artigos 16, 17 e 18:

Art. 16. A propaganda eleitoral no rádio e televisão restringir-se-á, unicamente, ao horário gratuito disciplinado pela Justiça Eleitoral, para o período de 15 de setembro a 12 de novembro, com geração de Brasília, em cadeia nacional, e expressa proibição de qualquer propaganda paga.

O Art. 16 determinou o período de propaganda em um intervalo de quase dois meses completos. É pertinente ressaltar que os aparelhos citados pelo artigo eram o rádio e a televisão e que, pela lei, o último dia de campanha seria exibido três dias antes da votação.

Art. 17. A distribuição dos horários diários entre os Partidos Políticos e Coligações que tenham candidatos registrados observará os seguintes critérios:

- a) 30 (trinta) segundos a cada Partido Político sem representação no Congresso Nacional;
- b) aos Partidos Políticos e Coligações, com representação no Congresso Nacional, será concedido tempo, de acordo com o seguinte:
 - 1 - Até 20 (vinte) congressistas, 5 (cinco) minutos;
 - 2 - De 21 (vinte e um) a 60 (sessenta) congressistas, 10 (dez) minutos;
 - 3 - De 61 (sessenta e um) a 120 (cento e vinte) congressistas, 13 (treze) minutos;
 - 4 - De 121 (cento e vinte e um) a 200 (duzentos) congressistas, 16 (dezesseis) minutos;
 - 5 - Acima de 200 (duzentos) congressistas, 22 (vinte e dois) minutos. [...]

A partir do Art. 17, percebe-se que os partidos com mais congressistas eram amplamente beneficiados pela lei. Entre os candidatos analisados, apenas um possuía mais de duzentos congressistas no Congresso Nacional: Ulysses Guimarães, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro. O presidenciável pertencia ao mesmo partido de José Sarney.

Art. 18. A Justiça Eleitoral, encerrado o prazo de registro de candidaturas, requisitará às emissoras do País os horários que considerar necessários para a propaganda, sendo metade à noite, com início às 20h30min (vinte horas e trinta minutos), nas emissoras de televisão, e, com início às 20h (vinte horas), nas emissoras de rádio, hora de Brasília.

§ 1º A propaganda diurna será iniciada às 7h (sete horas), nas emissoras de rádio, e às 13h (treze horas), nas de televisão, hora de Brasília.

§ 2º As emissoras de rádio e televisão ficam obrigadas a divulgar, gratuitamente, comunicados ou instruções da Justiça Eleitoral, até o máximo de 15 (quinze) minutos diários, consecutivos ou não, nos 30 (trinta) dias anteriores ao pleito.

Com base nas informações do Art. 18, as propagandas eram exibidas em três momentos diferentes durante o dia. Juntamente com o Art. 17, podemos observar que as campanhas eleitorais foram amplamente divulgadas e os presidenciáveis podiam utilizar de sua criatividade para atrair o eleitorado.

Para análise dos programas eleitorais, foram selecionados os sete candidatos mais votados na eleição. São eles: Fernando Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Mário Covas, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Paulo Maluf, do Partido Democrático Social (PDS), Guilherme Afif, do Partido Liberal (PL) e Ulysses Guimarães, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). O critério para seleção dos candidatos foi baseado na posição de cada um nas pesquisas de intenção de voto e pelo número de votos no resultado do primeiro turno (todos tiveram mais de um milhão de votos).

Figura 1 – Os Sete Candidatos Analisados



Fonte: Compilação do autor³.

³ Montagem a partir de imagens coletadas no site YouTube.

A vida pessoal dos candidatos analisados revela aspectos da política nacional existentes desde o primeiro período republicano. A base eleitoral da maioria dos políticos ficava nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Os presidentiáveis de 1989 apresentavam uma continuidade nessas questões⁴, principalmente no que diz respeito à base eleitoral.

Entre os candidatos escolhidos, quase todos nasceram na região Sudeste, com exceção de Leonel Brizola (Sul) e Luiz Inácio Lula da Silva (Nordeste). Quanto à formação acadêmica, três deles tinham formação em Engenharia (Leonel Brizola, Mário Covas e Paulo Maluf) e dois em Economia (Fernando Collor de Mello e Guilherme Afif). Ulysses Guimarães tinha formação em Direito e Luiz Inácio Lula da Silva não possuía ensino superior. Três presidentiáveis tinham entre 40 e 49 anos na época das eleições, são eles: Fernando Collor de Mello, Guilherme Afif e Luiz Inácio Lula da Silva e dois, Mário Covas e Paulo Maluf, tinham entre 50 e 59 anos. Leonel Brizola completou 67 anos em 1989, enquanto Ulysses Guimarães comemorou seu aniversário de 73 anos um mês antes da realização do primeiro turno. Os dados da tabela abaixo mostram as informações pessoais de cada candidato analisado.

Quadro 1 - Dados da Vida Pessoal dos Candidatos

Nome Completo	Nascimento/ Local	Filiações	Escolaridade	Profissão Principal
Fernando Affonso Collor de Mello	12/08/1949 Rio de Janeiro/RJ	Lindolfo Leopoldo Boekel Collor - avô materno Arnon Affonso de Farias Mello - pai Leda Collor de Mello - mãe	Ciências Econômicas na UFAL	Empresário
Guilherme Afif Domingos	18/09/1943 São Paulo/SP	Jamil Domingos - pai Henriette Afif Domingos - mãe	Administração pela Faculdade de Economia do Colégio São Luís	Empresário
Leonel de Moura Brizola	22/01/1922 Carazinho/RS	José de Oliveira Brizola - pai Oniva de Moura Brizola - mãe	Instituto Agrícola de Viamão Supletivo no Colégio Júlio de Castilhos Escola de Engenharia da UFRGS	Funcionário Público
Luiz Inácio Lula da Silva	27/10/1945 Garanhuns/PE	Aristides Inácio da Silva - pai Eurídice Ferreira de Melo - mãe	Curso Técnico de Torneiro Mecânico no SENAI	Operário

⁴ Em seu texto a respeito dos ministros da Nova República, D'Araújo (2009) afirma que a região Sudeste é super-representada nos ministérios por ser a região mais povoada do país. Da mesma forma, cinco dos sete presidentiáveis tinham base eleitoral em São Paulo, o que mostra a predominância do estado.

Mário Covas Júnior	21/04/1930 Santos/SP	Mário Covas - pai Arminda Carneiro Covas - mãe	Engenheiro Civil pela Escola Politécnica da USP	Engenheiro
Paulo Salim Maluf	03/09/1931 São Paulo/SP	Salim Farah Maluf - pai Maria Estefno Maluf - mãe	Engenheiro Civil pela Escola Politécnica da USP	Empresário
Ulysses Silveira Guimarães	06/10/1916 Rio Claro/SP	Ataliba Silveira Guimarães - pai Amélia Correia Fontes Guimarães - mãe	Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da USP	Advogado

Fonte: CPDOC/FGV. Elaboração do autor.

A vida política dos candidatos também foi outro ponto observado para compreender as experiências que cada candidato carregava em sua bagagem, pois defendo que o contexto político está intimamente ligado aos dados apresentados e se configuram importantes para a compreensão da trajetória de cada um.

A base eleitoral mostra uma característica forte entre os presidenciais analisados, por exemplo: Leonel Brizola (PDT) construiu a sua base eleitoral nos estados onde foi governador (Rio Grande do Sul, entre 1958 e 1962, e no Rio de Janeiro, entre 1983 e 1987); Fernando Collor de Mello (PRN) tinha sua base eleitoral no estado de Alagoas, onde estava exercendo o mandato de governador enquanto concorria à presidência. Anteriormente, o candidato do PRN havia sido nomeado prefeito da capital alagoana, Maceió (1979-1982) e foi eleito deputado federal (1983-1987). Os demais presidenciais possuíam sua base eleitoral em São Paulo, como afirmam Brustlein et al. (2010, p. 33):

[...] dentre os sete candidatos mais importantes, cinco deles possuíam base eleitoral em São Paulo: Ulysses Guimarães, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Mário Covas, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), Paulo Maluf, do Partido Democrático Social (PDS) e Afif Domingos, do Partido Liberal (PL).

Leonel Brizola, Mário Covas e Ulysses Guimarães começaram sua carreira política antes do início da ditadura civil-militar, ao passo que Paulo Maluf e Fernando Collor de Mello tiveram suas primeiras experiências entre 1967 e 1979, no período do bipartidarismo, durante a ditadura civil-militar. Guilherme Afif e Luiz Inácio Lula da Silva foram eleitos pela primeira vez depois da extinção do Ato Institucional Número Cinco (AI-5) e ambos assumiram o cargo de deputado federal por São Paulo na 48ª Legislatura da Câmara dos Deputados (1987-1991).

Esses dados reafirmam a importância da base eleitoral, que associados à melhor suas participações nas eleições de 1989.

Quadro 2 - Dados da Vida Política dos Candidatos

Nome Completo	Funções Políticas	Partidos Políticos	Observações
Fernando Affonso Collor de Mello	Prefeito de Maceió/AL (1979-1982) Deputado Federal/AL (1983-1987) Governador/AL (1987-1989)	ARENA (1979) PDS (1980-1985) PMDB (1986-1988) PRN (1989-)	Seu avô materno foi Dep. Estadual e Dep. Federal pelo Estado do Rio Grande do Sul e Ministro do Trabalho entre 1930 e 1932; Seu pai foi Governador e Senador pelo estado de Alagoas.
Guilherme Afif Domingos	Deputado Federal/SP (1987-1991)	PDS (1981-1985) PL (1985-)	Presidente da Associação Comercial de São Paulo de 1982 até 1987; Secretário de Agricultura e Abastecimento de 1979 até 1982;
Leonel de Moura Brizola	Deputado Estadual/RS (1947-1955) Deputado Federal/RS (1955-1956) Prefeito de Porto Alegre/RS (1957-1958) Governador/RS (1959-1963) Deputado Federal/GB (1963-1964) Governador/RJ (1983-1987)	PTB (1945-1965) PDT (1980-)	Seu pai morreu em 1923 durante a Revolução lutando pelas forças federalistas chefiadas por Assis Brasil; Fundador do núcleo do PTB (1945-1964) no RS; Membro fundador do Partido Democrático Trabalhista (PDT); Participou da campanha das Diretas Já (1983-1984);
Luiz Inácio Lula da Silva	Deputado Federal/SP (1987-1991)	PT (1980-)	Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista (1975 - 1981); Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT) (1981-1988); Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT); Candidato a Governador de São Paulo em 1982; Participou das Diretas Já (1983-1984);

Mário Covas Júnior	Deputado Federal/SP (1963-1969) Prefeito de São Paulo/SP (1983-1986) Senador/SP (1987-1994)	PST (1962-1965) MDB 1965-1979) PMDB (1979-1988) PSDB (1988-)	Candidato a Prefeito de Santos/SP em 1962; Membro fundador do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB);
Paulo Salim Maluf	Prefeito de São Paulo/SP (1969-1971) Governador/SP (1979-1982) Deputado Federal/SP (1983-1987)	ARENA (1967-1979) PDS (1980-)	Presidente da Caixa Econômica Federal do estado de São Paulo em 1967; Vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo em 1968; Secretário de Transportes do estado de São Paulo de 1971 até 1975; Presidente da Associação Comercial de São Paulo de 1976 até 1979; Candidato à Presidência da República (1985); Candidato a Governador de São Paulo em 1986; Candidato a Prefeito de São Paulo em 1988;
Ulysses Silveira Guimarães	Deputado Estadual/SP (1947-1950) Deputado Federal/SP (1951-1992)	PSD (1947-1965) MDB (1965-1979) PMDB (1979-)	Vice-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) (1940); Presidente da Câmara dos Deputados (1956-1957; 1985-1986; 1987-1988); Presidente do MDB (1972-1980); Candidato à Presidência da República em 1974; Fundador do PMDB; Presidente do PMDB (1980-1991); Participou da campanha das <i>Diretas Já</i> (1983-1984); Presidente da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988).

Fonte: CPDOC/FGV. Elaboração do autor.

Através das informações acerca da vida política dos presidenciáveis, percebe-se que cinco dos sete candidatos escolhidos tinham ou tiveram algum vínculo com a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) ou com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partidos da ditadura civil-militar, e mais tarde migraram para os partidos que sucederam o fim do AI-5 (PDS e PMDB). Tal vínculo com a ARENA e o MDB permitiram a perpetuação de discursos e práticas conservadoras. Apenas Leonel Brizola (PDT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) não foram filiados aos partidos fundados e permitidos durante o período da ditadura civil-militar. Esses participaram da fundação de seus respectivos partidos no início dos anos 1980, logo após o início da abertura política no país.

2 AS PROPAGANDAS ELEITORAIS

A importância das propagandas eleitorais buscava (e até hoje busca) utilizar tanto mecanismos tradicionais, como a fotografia, quanto práticas mais inovadoras, como músicas, movimento, entrevistas e depoimentos, computação gráfica e pesquisas de opinião como estratégia para chamar a atenção do seu público alvo e, dessa forma, conquistar mais eleitores.

A primeira propaganda do período eleitoral do período foi exibida no dia 15 de setembro e a última no dia 12 de novembro, conforme a lei 7773/89. Para a análise dos programas, foram selecionadas as propagandas de oito dias diferentes exibidas nesse período de quase dois meses. São elas as dos dias 20 de setembro, 21 de setembro, 01 de outubro, 04 de outubro, 06 de outubro, 16 de outubro, 04 de novembro e 12 de novembro.

2.1 PRIMEIRO TURNO

Com base nas informações do artigo 18 da lei número 7.783/89 e nos dados do site da Câmara dos Deputados, a distribuição de tempo para cada presidencializável analisado é representada na tabela abaixo. Os vídeos dos programas eleitorais tinham metade do tempo mencionado na tabela, uma vez que esse prazo de duração precisava contemplar o horário das 13h e das 20h30.

Quadro 3 - Candidatos e Tempo de TV

Candidato	Partido	Tempo de TV
Fernando Collor de Mello	PRN	10min
Luiz I. Lula da Silva	PT	10min
Leonel Brizola	PDT	10min
Mário Covas	PSDB	13min
Paulo Maluf	PDS	10min
Guilherme Afif	PL	10min
Ulysses Guimarães	PMDB	22min

Fonte: TSE. Elaboração: Gomes (2014).

2.1.1 - Programa do dia 20 de setembro

Guilherme Afif (PL) e Ulysses Guimarães (PMDB) abordam sobre a fome no país e apresentam diferentes posturas a respeito do problema. O programa do candidato do PMDB faz uma crítica ao presidente da República, filiado ao próprio partido: “se o Brasil tivesse um presidente comprometido, isso não aconteceria”. Por outro lado, o candidato do PL apresenta a “Revolução Verde” como solução para aumentar a produção agrícola e acabar com a fome no país e responsabiliza o governo pelos altos preços dos produtos agrícolas.

Os dois programas eleitorais também citam o nome de Juscelino Kubitschek. O programa de Ulysses Guimarães afirma que o candidato pertencia ao PSD, mesmo partido do ex-presidente. Por outro lado, Guilherme Afif fez uma crítica do mandato do ex-presidente da República, sustentando que durante a gestão de Juscelino Kubitschek “os automóveis eram mais importantes que pessoas”.

Já a inflação foi comentada nos programas de Ulysses Guimarães (PMDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ambos colocam o pagamento da dívida externa como uma das principais causas dos problemas econômicos do país e o candidato do PT acusa os banqueiros de lucrarem com a inflação. Como solução, o programa de Ulysses Guimarães propõe o aumento dos salários, enquanto o programa de Luiz Inácio Lula da Silva propõe a suspensão do pagamento da dívida externa, a renegociação da dívida interna, fim da agiotagem, realização de reforma agrária e moralização do Estado. O programa do petista revelou uma postura mais agressiva e firme para abordar o tema, além de propor diferentes maneiras para diminuir a inflação, enquanto Ulysses Guimarães buscou um diálogo mais conservador.

Críticas de cunho pessoal ocorreram entre adversários nos programas de Guilherme Afif (PL), Leonel Brizola (PDT) e Mário Covas (PSDB). O candidato do PL se declarou vítima de ataques feitos anteriormente por Leonel Brizola e afirmou que o candidato do PDT não possuía plano de governo. Já em seu programa, Leonel Brizola acusou Fernando Collor de Mello de exibir seu programa fora do horário permitido e disse que encaminharia a denúncia para a justiça. Por fim, Mário Covas criticou o governo de Paulo Maluf como governador de São Paulo e rotulou sua gestão como irresponsável.

Os programas de Fernando Collor de Mello (PRN) e Paulo Maluf (PDS) tiveram posturas menos agressivas e menos propositivas. O candidato do PRN fez uma comparação entre as águas do rio São Francisco e sua candidatura ao assegurar que ambas são “limpas, cristalinas e puras” e que a sua candidatura “nasceu das ruas sem apoio de políticos, militares, empresários ou banqueiros”. Por outro lado, o candidato do PDS procurou mostrar suas

realizações como prefeito de São Paulo como forma de mostrar que era um candidato qualificado.

Mário Covas (PSDB) e Ulysses Guimarães (PMDB) procuraram valorizar a democracia ao estabelecer relações entre o período da ditadura civil-militar e suas candidaturas. O programa de Mário Covas citou sua presença na segunda lista do AI-5 e procurou apontar o fato como um ponto positivo a favor do candidato. Já o programa de Ulysses destaca seu papel na fundação do antigo MDB.

A da educação foi abordada durante o programa eleitoral de Leonel Brizola isoladamente (PDT). Essa foi apresentada como o principal programa de governo do presidencialista e, como forma de melhorar os índices educacionais, o programa defende a implementação da escola integrada no ensino fundamental e a valorização do magistério do ensino público e fundamental.

2.1.2 Programa do dia 21 de setembro

Guilherme Afif (PL), Fernando Collor de Mello (PRN) e Ulysses Guimarães (PMDB) usaram o espaço de seus programas para falar a respeito da agricultura. O candidato do PL propôs a “Revolução Verde” para tornar o país “o maior produtor agrícola do mundo”, pois, para ele, o Brasil cresceria ao “voltar às origens”. O candidato do PRN mostrou grandes produções agrícolas dizendo que “deseja isso para todo o Nordeste e todo o Brasil”. Em contraste, mostrou imagens de uma região que sofria com a seca e afirmou que era necessário à distribuição da água para melhorar as condições do país. Como propostas, apresentou o incentivo à irrigação através da iniciativa privada, a criação de projetos públicos de irrigação, o apoio a projetos de cooperativas de agricultores, o investimento em pesquisa, tecnologia e orientação para agricultores. Já o candidato do PMDB mencionou a agricultura como solução para acabar com a fome da população. Seu programa comentou que o governo em vigor priorizava mais o mercado externo que o interno. Para aprimorar o setor agrícola, o programa apresentou as seguintes propostas: uma reforma agrária, fornecimento de sementes, investimento em tecnologia, irrigação, incentivo às cooperativas agrícolas e eletrificação rural.

Enquanto o programa de Ulysses Guimarães (PMDB) abordou o tema da produção agrícola de forma extensa, Guilherme Afif (PL) e Fernando Collor de Mello (PRN) foram mais sucintos, porém mostrando-se comprometidos com o assunto. Ambos aparecem em plantações no Nordeste, falando a respeito da situação do Brasil.

Em seu programa, Mário Covas (PSDB) falou a respeito das queimadas e do desmatamento que ocorreram no país, sempre buscando valorizar as diversas paisagens do país. Como solução para os problemas ambientais, ele prometeu combater, severamente, crimes ambientais durante seu governo, caso fosse eleito.

Paulo Maluf (PDS), por sua vez, fez uma crítica ao atual estado da saúde pública durante seu programa. Ele citou as greves dos funcionários públicos e os valores abusivos cobrados para realização de vacinas como forma de criticar a gestão do governo em vigor. O político apontou a nomeação de um ministro da saúde comprometido com a população e a gratuidade de vacinas como solução para esse problema.

Os programas de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ulysses Guimarães (PMDB) fizeram, novamente, menções ao problema da inflação. Enquanto Ulysses Guimarães fez uma crítica aos especuladores e intermediários, acusando-os de lucrarem com a inflação, Luiz Inácio Lula da Silva propôs que os banqueiros poderiam resolver os problemas do país investindo no setor produtivo e não no setor especulativo. O candidato do PT afirmou que esse investimento geraria empregos e colaboraria para acabar com a miséria do Brasil.

Da mesma forma, é possível observar que, em seus respectivos programas, Leonel Brizola (PDT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se comportaram como defensores das empresas estatais. O candidato do PT culpou os banqueiros por tentarem enfraquecer o Banco do Brasil. Já o candidato do PDT acusou o governo de incapacidade administrativa, tendo como argumento principal a privatização de empresas estatais. Além de criticar o governo do país, Leonel Brizola rotulou Guilherme Afif, Fernando Collor de Mello e Paulo Maluf de “candidatos da velha direita que darão continuidade ao governo de José Sarney”. O antropólogo Darcy Ribeiro apareceu no programa de Leonel Brizola e deu destaque às empresas estatais, tais como a Companhia Siderúrgica Nacional, a Petrobrás e a Vale do Rio Doce. Segundo ele, essas empresas eram essenciais para o funcionamento do país.

2.1.3 Programa do dia 01 de outubro

No programa do dia 01 de outubro, os candidatos dedicaram boa parte de seu tempo às pesquisas de opinião. Fernando Collor de Mello (PRN), Guilherme Afif (PL), Leonel Brizola (PDT) e Mário Covas (PSDB) utilizaram partes de seu programa para exibir informações e opiniões acerca das pesquisas. O candidato do PRN usou o Datafolha⁵ para mostrar sua ampla

⁵ Instituto de Pesquisa.

vantagem na liderança das intenções de voto, comparando o seu percentual com o dos adversários que ficaram no segundo e terceiro lugar.

Guilherme Afif (PL) ocupava o terceiro lugar na pesquisa do Datafolha realizada em 23 e 24 de setembro (empatado com Luiz Inácio Lula da Silva e Paulo Maluf). Sua intenção de votos crescia a cada nova pesquisa divulgada. Em decorrência disso, o candidato apontou, durante seu programa eleitoral, que havia muitos dos eleitores indecisos, uma vez que o Datafolha e o IBOPE, respectivamente, sinalizaram como indecisos, respectivamente, 14% e 13,7% dos entrevistados. Por fim, o candidato destacou a importância de os eleitores prestarem atenção nas propagandas eleitorais para que conseguissem decidir seu voto com sabedoria.

O alto número de indecisos também foi um assunto abordado por Mário Covas (PSDB) em seu programa eleitoral. O candidato apresentou pesquisas que simularam um eventual segundo turno em que Mário Covas aparecia vencedor após ter disputado a presidência com Fernando Collor de Mello (PRN), Leonel Brizola (PDT) e Paulo Maluf (PDS). Aproveitando as informações trazidas pela simulação anteriormente mencionada, o locutor reforça: “Mário Covas é o único capaz de vencer Collor de Mello no segundo turno”.

Apesar de ser o segundo colocado nas pesquisas do Datafolha e do IBOPE, Leonel Brizola (PDT) usou todo o horário de seu programa eleitoral para falar a respeito dos institutos de pesquisa e sobre as pesquisas de opinião. O presidenciável acusou os institutos de pesquisa de serem controlados por grupos com maior poder econômico e de funcionarem como artifício para intervir nas eleições, violando o processo de conscientização do povo brasileiro. Além disso, ele afirmou que o interesse dessas pesquisas era manter os privilégios dos poderosos. Para fundamentar sua crítica, Leonel Brizola relatou que nas eleições estaduais do Rio de Janeiro de 1982, ele estava com 6% das intenções de voto para governador e acabou vencendo a eleição, enquanto o candidato líder das pesquisas ficou em quarto lugar. Por fim, concluiu sua argumentação com a frase: “as pesquisas só falam a verdade às vésperas das eleições”.

O programa de Paulo Maluf (PDS) abordou telespectadores bastante sutilmente. Primeiramente, o programa procurou enaltecer as realizações de Maluf como prefeito e governador, para só depois falar a respeito das eleições nas quais o candidato foi derrotado. O programa apresentou entrevistas com eleitores descontentes com a gestão da prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, e com o governador de São Paulo, Orestes Quércia. O recado aos eleitores é anunciado ao final do programa “não errem mais, votem em Paulo Maluf”.

O programa de Ulysses Guimarães (PMDB) procurou abordar novamente o assunto da agricultura e colocou o direcionamento da produção para o mercado interno como solução para

acabar com a fome e desnutrição. De forma discreta, o candidato do PMDB mostra-se contrário à política de privatizações. O programa definiu Ulysses Guimarães como aquele “que tem coragem”.

A atitude de criticar o governo do momento esteve presente durante programa de Guilherme Afif (PL), Fernando Collor de Mello (PRN), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Mário Covas (PSDB) e Paulo Maluf (PDS). Guilherme Afif e Luiz Inácio Lula da Silva fizeram críticas ao estado da dívida interna, afirmando que os prejuízos estavam sendo arcados pela população. O candidato do PT foi ainda mais agressivo ao apontar agiotas, banqueiros, especuladores, grandes empresários e latifundiários como responsáveis pela inflação: “investem no dólar e no ouro e não na produção do país”. Luiz Inácio Lula da Silva colocou suas propostas - suspensão do pagamento da dívida externa, renegociação da dívida interna, fim da especulação financeira, fim da sonegação de impostos e congelamento de produtos básicos - como medidas imediatas, uma vez que o próximo presidente só assumiria em março do ano seguinte e o problema necessitava ser resolvido o quanto antes. O candidato do PRN, de forma mais indireta, assegurou que governaria contra “aqueles que fizeram mal ao país” e não teria “conversa com eles”. Mário Covas fez críticas à administração da saúde pública e a desvalorização dos aposentados por parte do governo. Paulo Maluf, por sua vez, acusou diretamente o governo pelo alto preço dos aluguéis e pela falta de investimento em imóveis para a população mais pobre. Como promessa de campanha, o presidenciável prometeu construir 5 milhões de casas.

2.1.4 Programa do dia 04 de outubro

Fernando Collor de Mello (PRN) e Mário Covas (PDS) procuraram frear o crescimento da popularidade de Guilherme Afif (PL). Enquanto o programa de Mário Covas fez uma pequena referência ao candidato do PL, colocando-o como última opção de voto entre os sindicalistas de Minas Gerais, Fernando Collor de Mello procurou desgastar a imagem de Guilherme Afif com a classe trabalhadora fazendo uma acusação indireta. Ao fim do programa de Fernando Collor de Mello (que precedia o programa de Guilherme Afif), foram mostradas algumas imagens do início da propaganda do candidato do PL ao passo que locutor da publicidade de Fernando Collor de Mello diz: “e agora, com vocês, o candidato que votou contra a unidade sindical. O nome dele é...”. No instante que o locutor termina sua fala, a campanha de Guilherme Afif inicia.

A região Nordeste e a agricultura foram mais uma vez assunto de diversos programas eleitorais. Fernando Collor de Mello (PRN), Guilherme Afif (PL), Paulo Maluf (PDS) e Ulysses Guimarães (PMDB) fizeram menções às questões de desenvolvimento da região. Fernando Collor de Mello afirmou que a produção agrícola cresceu, mas o mérito não era do governo “incapaz e irresponsável que aí está”. Seu programa propôs diversas medidas para o desenvolvimento econômico da agricultura, além de mostrar uma postura mais agressiva para com os latifundiários donos de grandes propriedades: “quem tem terra e não produz irá pagar tanto imposto que achará melhor trabalhar ou acabará perdendo para quem trabalha”.

Por sua vez, Guilherme Afif colocou sua proposta de “Revolução Verde” como solução para “o Nordeste não ser mais um problema”. Para isso, o candidato do PL assegurou que iria combater a seca e construiria barragens de água para evitar o escoamento da água para o mar. Paulo Maluf e Ulysses Guimarães criticaram a administração da região Nordeste feita pelos presidentes antecessores e por José Sarney ao dizer que essa região foi “esquecida”. Como solução, o candidato do PDS disse que incentivaria a livre iniciativa na região.

Já o programa do candidato do PMDB apresentou as seguintes propostas: ataque concentrado à miséria, incentivo a novos polos de desenvolvimento, ampliação dos investimentos em infraestrutura, apoio ao pequeno produtor, recuperação de atividades tradicionais e coordenação dos recursos investidos. A atriz Elizabeth Savalla participou da propaganda e afirmou que o Brasil necessitava de um “estadista com amor à pátria e que luta contra injustiças do país”. O presidenciável concluiu o programa com a frase: “não haverá Brasil desenvolvido com Nordeste subdesenvolvido”.

A educação e a saúde pública foram foco dos programas de Mário Covas (PSDB) e Paulo Maluf (PDS). O candidato do PSDB declarou sua intenção de investir em um ensino público gratuito e de qualidade. Os principais problemas do setor da educação, segundo Mário Covas, eram a competição entre escolas públicas e escolas privadas e a falta de investimento dos recursos para as salas de aula. Algumas professoras da rede pública enalteceram os feitos do ex-prefeito de São Paulo e afirmaram que foram valorizadas como profissionais e tiveram seus salários aumentados durante seu mandato.

O programa de Paulo Maluf começou com uma encenação na qual um diretor de um hospital público dizia não possuir materiais básicos para funcionamento do hospital. Ao ser questionado sobre em quem votaria para presidente, o diretor assegurou que escolheria “aquele que tem comprometimento com a saúde pública”. Paulo Maluf apareceu no programa e relatou

que suas propostas para melhorar a condição da saúde pública seriam concretizadas através crédito financiado ou pelos fundos empresariais.

Por fim, Leonel Brizola (PDT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) apresentaram programas de enfoque puramente político. O candidato do PDT usou seu passado político para enaltecer sua campanha: “Eu, Leonel Brizola, procurarei sei a continuidade de Getúlio Vargas e a continuidade do governo constitucional de João Goulart”. Leonel Brizola defendeu que os trabalhistas eram os defensores das lutas sociais dos brasileiros. Durante um comício, Brizola, exaltado, definiu Fernando Collor de Mello, Guilherme Afif e Paulo Maluf como “filhotes da ditadura” e que se eleitos, seriam “piores do que Sarney”. Por fim, o programa mostrou o candidato garantindo o crescimento e desenvolvimento do país.

O programa de Luiz Inácio Lula da Silva procurou valorizar os partidos da Frente Brasil Popular (formado pelo Partido dos Trabalhadores, Partido Comunista do Brasil e Partido Socialista Brasileiro) ao afirmar que a coligação era formada pelos “verdadeiros partidos de esquerda do país que defendem a soberania nacional e lutaram contra a ditadura civil-militar”.

2.1.5 Programa do dia 06 de outubro

O público jovem foi o principal tema abordado nos programas eleitorais desse dia. Guilherme Afif (PL) falou a respeito dos jovens que procuravam sair do país pela falta de oportunidades de emprego. Durante um comício, o candidato falou sobre a necessidade de um planejamento de futuro para os jovens e que o país não pode aceitar sua saída para o exterior.

O programa de Leonel Brizola (PDT) apresentou os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) a fim de enaltecer o projeto educacional como melhor condição de estudo de crianças e adolescentes. O presidenciável afirmou que crianças não participam da votação para presidente da República, portanto seria necessário “votar por elas”.

Ulysses Guimarães (PMDB) retratou o cotidiano dos jovens que trabalhavam e estudavam e ressaltou que boa parte dessa juventude optou por cursar um curso técnico em vez do ensino superior para garantir melhores oportunidades de emprego. O programa mostrou entrevistas realizadas com jovens inseguros quanto à escolha do próximo presidente do país e com medo da inflação. O candidato criticou os governos de João Figueredo e José Sarney e disse que o país já não cresce há dez anos. Por fim, o programa lembrou que o direito do voto para os jovens de 16 anos foi uma conquista garantida na Constituição graças ao PMDB e salientou que esses jovens teria a possibilidade de escolha que seus pais não tiveram.

O programa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) também fez menção à Assembleia Constituinte. O então deputado federal de São Paulo foi elencado como um dos principais membros da Assembleia por defender os direitos dos trabalhadores e dialogar com políticos de esquerda. O papel do candidato do PT durante as greves que ocorreram nos anos 70 e sua participação na campanha das *Diretas Já* também foram mencionadas.

Diretamente, Mário Covas (PSDB) criticou Guilherme Afif (PL) e acusou o adversário de votar contra os direitos dos trabalhadores durante a Assembleia Constituinte. O programa fez uma comparação entre o candidato do PL, Pilatos e Judas, apontando os três como “traidores”.

Depois do programa realizado no dia 04 de outubro, Guilherme Afif (PL) respondeu a crítica de Fernando Collor de Mello (PRN). O programa eleitoral iniciou sem o jingle de campanha e com o candidato do PL direcionando sua fala ao telespectador. Guilherme Afif falou a respeito das pesquisas eleitorais para mostrar que seu difamador estava despencando nas intenções de voto e “por isso resolveu apelar”. O candidato do PL acusou Fernando Collor de Mello de servir interesses de governantes internacionais e de fugir de debates. Sua fala terminou com uma convocação direta para “debater ideias e projetos” com ele, marcando dia, horário e local.

Fernando Collor de Mello (PRN) usou seu programa para falar sobre a questão da saúde pública. O programa acusou o governo de mau investimento na saúde pública e de destinar pouco dinheiro para este setor. O candidato afirmou que Alagoas, estado onde estava exercendo a função de governador, foi abandonado por José Sarney. Suas propostas envolviam a diminuição da mortalidade infantil, o aumento da expectativa de vida em cinco anos e o aumento do investimento na área da saúde pública. Por fim, definiu-se como a favor dos “analfabetos, descamisados, humildes” e agradeceu os apoiadores que não o abandonaram.

Paulo Maluf (PDS) fez uma crítica acerca da segurança pública no país ao apontar que os índices de violência cresciam cada vez mais. O candidato disse que faria um plebiscito popular para decidir se sequestradores mereciam ou não a pena de morte. Paulo Maluf assegurou que a implementaria do método no Brasil caso o plebiscito tivesse um resultado a favor da pena de morte,

A data do programa eleitoral analisado coincidiu com o aniversário de Ulysses Guimarães (PMDB). O programa lembrou a data e parabenizou o candidato, afirmando que “ser jovem não é necessariamente ser bom e ser velho não é necessariamente ser ultrapassado”.

O programa fez uma comparação entre o ex-ministro inglês Winston Churchill e Ulysses Guimarães para dizer que “em momentos difíceis, só a experiência resolve”.

2.1.6 Programa do dia 16 de outubro

O programa eleitoral do dia 16 de outubro abrangeu temas diversos. Faltando menos de um mês para a votação do primeiro turno, cada candidato analisado explorou temas diversos.

O programa de Leonel Brizola (PDT) fez um resumo da vida pessoal e política do presidenciável, enaltecendo sua luta contra a ditadura civil-militar e seus governos nos estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Entre os aspectos particulares de cada mandato, a prioridade do sistema educacional é uma pauta bastante presente em seus governos, podendo ser notada até mesmo em um dos lemas do candidato: “nenhuma criança fora da escola”. O nacionalismo e o desenvolvimentismo também foram apontados como parte de seu programa de governo. O programa eleitoral afirmou que a mídia procurou não divulgar seu trabalho como governador do Rio de Janeiro, mas que quem deve julgar seu mandato é a população carioca.

Fernando Collor de Mello (PRN) posicionou-se como defensor da pátria e dos interesses nacionais. Como propostas, o programa apresentou a renegociação da dívida externa e as reformas administrativa, fiscal e patrimonial para investimento na saúde pública. As propostas são chamadas de “Compromisso Collor”.

O programa de Guilherme Afif (PL) possui legenda para a fala do candidato e um intérprete de LIBRAS no canto superior direito. Suas propostas consistiam em três “revoluções”: a Revolução Verde, a Revolução Tecnológica e a Revolução Urbana, as quais compunham um Plano de Emergência para combater a inflação. O candidato afirmou que seu plano de governo foi o único aprovado no Congresso Nacional e pediu que os demais concorrentes apresentassem seus planos de governo durante o horário eleitoral.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) usou seu programa para mostrar as realizações da prefeita Luiza Erundina, filiada ao PT em 1989, na cidade de São Paulo, principalmente no que se diz respeito às construções de moradias populares. O programa também mostrou imagens dos comícios realizados pelo candidato no estado do Rio de Janeiro e reforçou que foi bem recebido por todos.

O programa de Ulysses Guimarães (PMDB) falou a respeito da vida das mulheres brasileiras. O locutor mencionou o problema da violência doméstica e mostrou relatos de mulheres que sofreram com agressões dos maridos. Como solução, o programa propôs a

expansão de delegacias especiais para denúncias de mulheres sobre violência doméstica. A dificuldade da inserção das mulheres no mercado de trabalho também foi citada pelo programa. Diversas mulheres entrevistadas falaram sobre o preconceito sofrido por elas no ingresso e permanência no mercado de trabalho, principalmente se fossem casadas ou estivessem grávidas. O programa também apresentou um canal de sugestões através de um número de telefone para que os telespectadores pudessem apresentar propostas de governo.

Em seu programa eleitoral, Paulo Maluf (PDS) relatou sobre uma ida sua ao mercado para criticar os valores dos produtos de consumo básico. Segundo o presidenciável, o valor do salário mínimo era incompatível com os preços dos mercados. A fim de estabelecer uma ligação com a economia, Paulo Maluf defendeu a isenção de impostos para melhorar os preços no país. O programa mostrou as realizações do candidato como prefeito de São Paulo e exibiu entrevistas com taxistas que apoiavam sua candidatura.

O programa de Mário Covas (PSDB) começou com uma fala do ator Gianfrancesco Guarnieri dirigida ao telespectador. O ator dividiu os adversários do candidato do PSDB em dois blocos: o primeiro, composto por Fernando Collor de Mello, Guilherme Afif e Paulo Maluf; o segundo, composto por Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva e Roberto Freire. Segundo Gianfrancesco Guarnieri, os dois blocos de candidatos brigavam entre si e não possuíam diálogo. Sendo assim, o ator idealiza Mário Covas como uma espécie de “terceira via”, uma vez que não poderia ser considerado um candidato conservador ou radical. Após a fala do ator, o programa mostrou entrevistas realizadas com eleitores que desistiram de votar em Fernando Collor de Mello e Guilherme Afif e optaram por votar em Mário Covas. Repetindo dados apresentados em programas anteriores, uma simulação de votação do segundo turno mostrou Mário Covas como vencedor entre diversos adversários.

A divisão de blocos de candidatos foi repetida no programa de Ulysses Guimarães (PMDB). O programa rotulou Fernando Collor de Mello (PRN), Guilherme Afif (PL) e Paulo Maluf (PDS) como candidatos com posturas contra os trabalhadores e favoráveis a ditadura civil-militar. Como contraste, Ulysses Guimarães foi apresentado como defensor da democracia e fotos do presidenciável participando de greves nos anos 70 foram exibidas. Mário Covas também lembrou a democracia em seu programa e pediu para o telespectador analisar o passado dos candidatos e quais foram suas participações na Assembleia Constituinte do ano anterior.

2.1.7 Programa do dia 04 de novembro

A candidatura tardia de Sílvio Santos foi criticada por Fernando Collor de Mello (PRN), Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ulysses Guimarães (PMDB). O candidato do PRN fez uma crítica mais severa a José Sarney ao definir o presidente como “o pior da história do país” e acusá-lo de ser amigo particular de Sílvio Santos além de “pegar carona” na morte de Tancredo Neves.

O programa de Luiz Inácio Lula da Silva chamou o lançamento da candidatura do dono do SBT de “golpe do baú” e diz que a candidatura foi feita por medo da vitória do candidato do PT nas eleições. Já o programa de Ulysses Guimarães mostrou o candidato a vice-presidente, Waldir Pires, sendo entrevistado a respeito de Sílvio Santos. O entrevistado acusou a candidatura de ser um ato irresponsável por parte do presidente José Sarney por “permitir a candidatura de um amigo particular”.

Mário Covas (PSDB) fez uma crítica menos direta quanto a candidatura de Sílvio Santos, dizendo que o governo “permitiu candidaturas até o último momento. Outras críticas a José Sarney foram feitas ao longo do programa do candidato do PSDB. Mário Covas expressou que, depois da eleição indireta de 1985, muitos políticos apoiadores da ditadura civil-militar continuaram no poder. O candidato também acusou o governo de ser composto por “compadres”, o que era um grande mal para a democracia do país. Em seu programa, Ulysses Guimarães definiu os problemas com e entre políticos no poder como “molecagens”.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse em seu programa que, além de José Sarney, existiam diversas pessoas que procuravam evitar sua eleição. A frase de Mário Amato, o qual afirmou que diversos empresários deixariam o país caso o candidato vencesse, foi definida pelo programa como “algo que sempre acontece quando as lutas populares estão avançando.” Em outro momento, Luiz Inácio Lula da Silva enfatizou que “a classe trabalhadora brasileira chegará ao poder contra os impérios da Globo, do SBT, da Volkswagen, da Ford e da Mercedes e do império de Antônio Emílio de Moraes”. Ele afirmou que os “poderosos” procuravam tirar sua moral e a dignidade porque ele “tirá o privilégio deles”. Ao fim de seu programa, Luiz Inácio Lula da Silva terminou sua fala de modo enfático: “vamos tirar um pão da mesa deles para colocar um pão na mesa do trabalhador que não tem”.

O programa de Paulo Maluf (PDS) foi ocupado majoritariamente pelo direito de resposta de Luiza Erundina contra as acusações feitas pelo candidato. A prefeita de São Paulo defendeu-se de declarações que a responsabilizaram por um desabamento de terra na favela Nova República. Durante o tempo em que foi permitido apresentar seu programa, Paulo Maluf

afirmou que foi bem recebido por todos durante os comícios realizados. As entrevistas realizadas com a população mostram aprovação do candidato do PDS em razão de seus governos anteriores.

O programa de Leonel Brizola (PDT) foi dividido em dois momentos. No primeiro, o candidato apresentou algumas de suas propostas, como a expansão dos CIEPs para todo o país, salários mais justos e financiamento para agricultores através do Banco do Brasil. No segundo momento, ao final do HGPE, o candidato do PDT apresenta um direito de resposta. Leonel Brizola usou seu tempo para falar a respeito de seu governo no Rio de Janeiro. Além de citar os CIEPs, o programa procurou falar a respeito da questão racial. Gilberto Gil, Chica Xavier, Abdias Nascimento e Coronel Nazareth Cerqueira defendem o voto para Leonel Brizola pela discussão do “socialismo moreno”, pela valorização do trabalho da mulher no funcionalismo público, pela defesa da cultura e identidade dos negros e pela maneira como a população negra foi tratada durante seu governo no Rio de Janeiro. O direito de resposta de Leonel Brizola se deu logo após o programa de Luiz Inácio Lula da Silva, mas como não houve citações de nomes de outros candidatos, não fica claro para quem foi direcionado o discurso.

Guilherme Afif (PL) usou seu programa para fazer críticas ao sistema socialista, definido por ele como um sistema atrasado e contra a liberdade. O candidato do PL acusou o “louco da estrelinha” - referência a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) - de “se aproveitar do regime democrático para implantar um regime totalitário” caso seja eleito. Guilherme Afif disse que os indivíduos que o agredissem verbalmente e fisicamente eram “fascistas” e não possuíam argumentos.

O programa de Ulysses Guimarães (PMDB) procurou divulgar a participação do partido nas votações para a Assembleia Constituinte, destacando seu papel como líder da Assembleia. A garantia do direito de greve, da liberdade de expressão, da demarcação de terras indígenas, da preservação das florestas e do direito de voto aos jovens de 16 anos foram apresentados pelo programa como “conquistas que não poderiam ser possíveis sem o PMDB”. Ulysses Guimarães também falou a respeito do poder legislativo, afirmando que um governo é composto pelo presidente e pelo congresso nacional e que as decisões do presidente podiam ser vetadas: “governo sem congresso nacional não governa”. Por fim, o programa fez uma comparação entre o ex-presidente francês Charles DeGaulle e Ulysses Guimarães, reforçando a ideia de que é necessário um político experiente para passar por momentos difíceis.

2.1.8 Programa do dia 12 de novembro

O último programa eleitoral antes do primeiro turno foi composto pelos agradecimentos dos candidatos pelo apoio de todos que, de alguma forma, contribuíram para a campanha. Fernando Collor de Mello (PRN) agradeceu ao público em seus comícios e utilizou o relato de uma moradora da favela Nova República, em São Paulo, para pedir ao povo que confiasse nele para “mudar o país”. O programa do candidato do PRN também fez uma comparação entre Fernando Collor de Mello e Juscelino Kubitschek. Luiz Inácio Lula da Silva disse que venceria por todos os militantes que usaram seu dinheiro para apoiá-lo em sua candidatura, assegurando que voltaria no segundo turno e, por fim, finalizou: “nós não precisamos de dinheiro porque temos moral e dignidade”. Ulysses Guimarães (PMDB) agradeceu aos deputados e aos governadores que apoiaram sua candidatura e prestou uma homenagem aos que foram perseguidos, presos e mortos durante a ditadura civil-militar.

Leonel Brizola (PDT), em seu último programa, fez um apelo a alguns concorrentes. Referindo-se a Mário Covas (PSDB), Roberto Freire (Partido Comunista Brasileiro) e Ulysses Guimarães (PMDB), pediu para todos se unirem para evitar uma “nova vitória da direita”. Sua argumentação foi a de que Fernando Collor de Mello (PRN) considerava Luiz Inácio Lula da Silva (PT) um adversário “mais fácil de derrotar no segundo turno”.

Paulo Maluf usou seu programa para fazer um ataque final a Leonel Brizola (PDT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), posicionando-se como “anticandidato” de ambos. Ele alegou que eles implementariam no Brasil o “socialismo fracassado da Europa”. Ao final de seu programa, a atriz Hebe Camargo apareceu e afirmou que Paulo Maluf (PDS) foi contrário à impugnação da candidatura de Sílvio Santos e pediu para que todos aqueles que pretendiam votar no dono do SBT escolhessem Paulo Maluf.

Ulysses Guimarães (PMDB) fez críticas aos presidenciáveis que saíram do partido para lançar suas próprias candidaturas. Entre os candidatos analisados, Fernando Collor de Mello (PRN) e Mário Covas (PSDB) eram pertencentes ao PMDB antes de filiarem-se aos partidos pelos quais estavam concorrendo à presidência. Segundo Ulysses Guimarães, “Quem não cumpre seus compromissos com o partido, não cumpre seus deveres para com a pátria.” Contudo, o candidato não demonstrou mágoa com o partido dissidente do PMDB, o PSDB. Ulysses Guimarães defendeu a ideia que de ambos se encontrariam no futuro para a construção de um país melhor. Por fim, o candidato pediu aos eleitores para não votarem em “conservadores, estourados e reacionários”.

Guilherme Afif (PL) fez uma crítica ao socialismo através da notícia da Queda do Muro de Berlim (fato que ocorreu três dias antes dessa última propaganda). Segundo ele, o regime socialista era “algo antigo e perverso”. Guilherme Afif se denominou vítima de ataques e sabotagens de seus concorrentes, que tentaram colocá-lo contra os trabalhadores. O candidato afirmou que essas situações ocorreram porque ele foi o “autor do capítulo dos direitos sociais, que lutou para arrebentar o muro da cúpula sindical fascista”. Disse também que lutaria pela liberdade e pelo fim da burocracia que interessa somente aos “poderosos”. Por fim, Afif terminou sua fala dizendo que as urnas mostrariam a força dos “jovens, adultos, idosos de todas as raças e culturas” que os institutos de pesquisa não mostraram e que “o Brasil será a pátria do evangelho, o coração do mundo, o celeiro da humanidade”.

Mário Covas (PSDB) também atingiu um público de diversas faixas etárias em seu programa eleitoral. O candidato do PSDB afirmou que lutará pelos direitos sociais de todos os brasileiros. Durante boa parte do tempo, o programa mostrou um comício onde o presidenciável e o público cantaram de forma emocionada o Hino Nacional Brasileiro.

2.2 SEGUNDO TURNO

Os programas eleitorais retornaram no dia 28 de novembro, treze dias após a votação do primeiro turno. Fernando Collor de Mello (PRN) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) possuíam vinte minutos diários para exibição de seus programas. Foram analisadas quatro propagandas eleitorais de cada um referente ao segundo turno. Os vídeos encontrados não possuem as datas em que os programas foram exibidos na televisão.

Os programas iniciais dos candidatos começaram de formas bastante distintas. Fernando Collor de Mello (PRN) apresentava uma postura mais calma, sem mencionar o nome de Luiz Inácio Lula da Silva e agradecendo o apoio dos eleitores que o ajudaram a chegar no segundo turno. O candidato do PRN repetiu frases dos programas eleitorais do primeiro turno, e reafirma ser contra “tudo que aí está” e que defenderia os mais humildes a fim de acabar com as desigualdades, a inflação e a miséria. Fernando Collor de Mello afirmou que o atual momento precisa de união e que acreditava que ele e seus eleitores “são maioria e vão vencer”.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) direcionou seu discurso do primeiro turno para atacar, indiretamente, Fernando Collor de Mello. O candidato afirmou que era necessário evitar que, travestida de candidatura moderna, “a direita conservadora chegasse ao poder”. Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que a “candidatura moderna” era representada pelo interesse de banqueiros, donos de grandes cadeias de comunicação e supermercados. Ao final do programa,

vídeos de grandes empresários declarando seu voto a favor de Fernando Collor de Mello foram exibidos.

O candidato do PT definiu-se como defensor dos camponeses, do pequeno e médio lavrador, comerciante e empresário, dos intelectuais, da classe média, dos descalços e dos despossuídos do país. Luiz Inácio Lula da Silva também afirmou ser a favor da democracia, da liberdade e do direito de comer, estudar e trabalhar. As últimas cenas do programa foram dedicadas a mostrar o apoio de candidatos do primeiro turno a ele. O programa mostrou Leonel Brizola (PDT), Mário Covas (PSDB) e Roberto Freire (Partido Comunista Brasileiro) apoiando a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva para o segundo turno.

No programa seguinte, Luiz Inácio Lula da Silva manteve uma postura agressiva com relação ao seu adversário e acusou Fernando Collor de Mello (PRN) de irresponsabilidade administrativa da saúde pública de Alagoas (região governada pelo candidato do PRN). O candidato do PT afirmou que os discursos de Fernando Collor de Mello sobre os trabalhadores eram falsos. Luiz Inácio Lula da Silva enfatizou que “dizer que vai ajudar os pobres sem dizer de onde vai tirar é enganar o povo”. Como solução para a inflação, o candidato repetiu as propostas do primeiro turno: fim da especulação financeira, fim do pagamento da dívida externa e renegociação da dívida interna.

Luiz Inácio Lula da Silva fez uma crítica ao período da Nova República, iniciada em 1985. O candidato acusou o projeto de ser um fracasso porque as promessas feitas não foram cumpridas. Luiz Inácio Lula da Silva disse ainda que seu adversário, “espertinho como muitos políticos”, trocou várias vezes de partido político, “pulando do barco quando a água bateu”.

No início de dezembro, Fernando Collor de Mello mudou sua estratégia. Seu programa iniciou com entrevistas em São Paulo. A população da cidade demonstrou descontentamento com a gestão da prefeita Luiza Erundina, filiada ao PT, partido de Luiz Inácio Lula da Silva. Os moradores também disseram que a prefeita compareceu às favelas e bairros mais pobres “apenas para pedir voto”. O programa do candidato do PRN também repetiu as acusações feitas por Paulo Maluf (PDS) no primeiro turno ao culpar Luiza Erundina pelo desabamento de terra na favela Nova República. Por fim, o locutor do programa afirmou que “quem conhece o PT, não vota no PT”.

Vídeos de Fernando Collor de Mello em um comício realizado em cidades do estado de São Paulo foram exibidas. Nesses vídeos, candidato gesticulava energicamente e discursava com o tom de voz elevado. O público dos comícios repetia a frase “Dá-lhe Collor!” e mostravam bandeiras com a imagem do presidente.

Por sua vez, Luiz Inácio Lula da Silva reforçou o apoio de candidatos do primeiro turno a sua candidatura. Ele afirmou que a aliança era “uma unidade na diversidade necessária para salvar o país da direita”. Vídeos dos militantes do PDT, PSDB, do Partido Comunista Brasileiro e do Partido Verde prestando apoio ao candidato foram apresentadas. Ao final do programa, diversas personalidades apareceram cantando o *jingle* da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva.

Nesse programa, também foram exibidas entrevistas realizadas com a população (sem especificar o local) para falar a respeito do primeiro debate do segundo turno. Os entrevistados elogiaram a postura do candidato do PT e afirmaram que ele venceu a discussão. Um pequeno trecho desse debate, no qual Fernando Collor de Mello foi acusado de fazer um gesto simulando segurar uma banana com as mãos para seus adversários, foi exibido durante o programa. O candidato do PRN respondeu essa acusação de forma nervosa. O locutor do programa de Luiz Inácio Lula da Silva pediu para os telespectadores tirarem suas próprias conclusões a respeito da atitude do adversário.

O maior ataque de Fernando Collor de Mello a seu adversário aconteceu no dia 12 de dezembro. Contrariando o teor das críticas feitas aos adversários durante toda a eleição, o programa do candidato do PRN usou um acontecimento da vida pessoal de um concorrente para desmerecê-lo. Durante todo o programa, a ex-namorada de Luiz Inácio Lula da Silva, Miriam Cordeiro, falou sobre sua vida para Fernando Collor de Mello. A antiga companheira de Luiz Inácio Lula da Silva acusou-o de oferecer-lhe dinheiro para abortar sua filha e diz que hoje ela “está viva e pode falar por si mesma, ou dizer o que mandarem ela falar”. Miriam Cordeiro também disse que o candidato do PT pediu para ela não falar declarações, mas não aceitou por ter suas próprias convicções.

Outras críticas sobre a vida pessoal de Luiz Inácio Lula da Silva foram feitas pela ex-namorada. Miriam Cordeiro relatou que, em meio à onda de desempregados, o candidato do PT pagava suas contas tranquilamente e viajava para Cuba frequentemente. Outro rótulo dado pela ex-namorada ao candidato foi o de racista. Nesse momento, o programa mostrou imagens de Djavan e Gilberto Gil, que apoiavam a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. O locutor do programa questionou: “e agora, Djavan? E agora, Gilberto Gil?”. Miriam Cordeiro continuou sua fala afirmando que compareceu à propaganda por vontade própria, embora tenha sido ameaçada. Por fim, ela questionou aos telespectadores “se vale a pena mesmo votar em Luiz Inácio Lula da Silva”.

O programa de Fernando Collor de Mello (PRN) continuou sua crítica a Luiz Inácio Lula da Silva. Dessa vez, o candidato do PRN acusa os militantes do PT de agredirem e espancarem opositores que “não querem vestir a camisa vermelha”. Fernando Collor de Mello apareceu no programa e assegurou que acabaria “com a baderna e a intranquilidade” e que desejava paz, oportunidade de trabalho e tranquilidade para o país sair da crise. O programa terminou com a seguinte legenda: “artista de verdade é o povo brasileiro, e só com Collor esses artistas vão fazer sucesso”.

Em seus últimos programas, Luiz Inácio Lula da Silva respondeu ao relato de Miriam Cordeiro. O programa acusou a ex-namorada do candidato de PT ter sido paga para criticá-lo. Em seguida, a filha de Luiz Inácio Lula da Silva apareceu ao seu lado e ele disse que o que importava para si era o julgamento de sua filha sobre ele e não o julgamento que seu adversário fez. Sua filha não falou nada durante o programa, apenas ficou parada ao lado de seu pai.

O programa mostrou um vídeo de Miguel Arraes, governador de Pernambuco, apoiando a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O candidato do PT também apareceu em vídeos com Mário Covas (PSDB), Leonel Brizola (PDT) e o vice candidato da chapa, José Paulo Bisol. Leonel Brizola fez uma comparação entre o Brasil e a Austrália, onde foi eleito um candidato do Partido Trabalhista e o primeiro-ministro era um operário sindicalista. O candidato do PDT usou a comparação para falar que a Austrália “dá uma surra no Brasil” na questão da educação e que é referência na justiça social.

No último trecho do programa, Luiz Inácio Lula da Silva agradeceu aos seus apoiadores, afirmando que todos que o apoiaram lutaram pela democracia no país. O presidenciável valorizou o voto popular na eleição presidencial de 1989, uma vez que a escolha do presidente da República foi realizada de forma indireta durante 29 anos. Também disse que seus adversários “fizeram todo o tipo de maracutaia para evitar que conquistássemos uma democracia”. Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que diminuiria os grandes lucros dos banqueiros, empresários e latifundiários a fim de acabar com a inflação e melhorar a vida dos trabalhadores.

Em seu último programa, Fernando Collor de Mello usou a Queda do Muro de Berlim para fazer comparações entre ele e seu adversário. O candidato do PRN afirmou que a divisão entre direita e esquerda “está sendo enterrada sobre os escombros do Muro de Berlim” e que essa divisão hoje é separada pela “ideia nova contra a velha, a visão moderna contra a atrasada, um futuro possível contra um passado fracassado”. Fernando Collor de Mello definiu-se como o “novo” e prometeu estar sempre comprometido com a realidade do país, ao contrário de Luiz

Inácio Lula da Silva que “quer tomar o salário e a poupança dos trabalhadores”. Por fim, terminou sua crítica alegando que o futuro do país “não é isolar o Brasil como o PT quer”.

Fernando Collor de Mello fez uma breve crítica aos governos da ditadura civil-militar e mencionou que os presidentes daquela época tornaram o Estado brasileiro “grande e ineficiente”. Como solução para o país, o candidato do PRN declarou que era necessário “diminuir o Estado” para garantir o seu desenvolvimento, mas sem interferir na vida da população. O programa terminou fazendo uma comparação entre duas imagens: uma de Juscelino Kubitschek e a outra de Fernando Collor de Mello.

3 ANÁLISE DOS PROGRAMAS E RESULTADOS DA ELEIÇÃO

Os sete candidatos analisados possuíam slogans e *jingles* que relacionavam a vida pessoal e política dos presidencialistas com a campanha. Os trechos iniciais de cada programa também ficaram marcadas na eleição de 1989. A partir de imagens ou gestos, os programas tinham suas particularidades que os tornavam inconfundíveis.

A eleição foi marcada por uma forte bipolarização entre candidatos de esquerda e candidatos de direita. Tal divisão foi inédita no cenário nacional, uma vez que o país vivia sua primeira eleição direta depois de quase três décadas. Sobre a bipolarização das eleições, Brustlein et al. (2010, p.35) afirmam:

A análise dos resultados da eleição de 1989 permite afirmar que o medo de uma eventual vitória de Lula ou Brizola, aliado ao fato de não existirem candidatos confiáveis aos conservadores bem situados nas pesquisas, e que representassem estados politicamente importantes da Federação, levou a direita a apoiar Collor.

Fernando Collor de Mello (PRN) iniciou seu programa de duas formas distintas. A primeira, mostrando o local onde votar no candidato na cédula eleitoral. Já a segunda, exibia dois éles destruindo palavras como “inflação”, “marajás” e “miséria” e depois formando o sobrenome “Collor”. Além disso, o nome do presidencialista acompanhava a frase “vamos construir um Brasil novo”.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sempre iniciava e terminava seu programa da mesma maneira: mostrava os partidos que faziam parte da coligação Frente Brasil Popular (do PT, do Partido Socialista Brasileiro e do Partido Comunista do Brasil). Logo após, o locutor anunciava o início ou o término do programa na “Rede Povo” (a “Rede Povo” era uma referência à Rede Globo, que reproduzia em seu canal uma vinheta similar).

Leonel Brizola (PDT) iniciava seu programa com uma imagem da bandeira do Brasil, alternando para uma bandeira do partido e depois para uma bandeira vermelha com letras em branco escrito “Brizola”. As imagens das bandeiras eram reproduzidas com a música “Grande Fantasia Triunfal Sobre o Hino Nacional Brasileiro” do pianista norte-americano Louis Moreau Gottschalk ao fundo.

O programa de Mário Covas (PSDB) começava com o nome do candidato aparecendo em um fundo preto. O nome “Covas” tinha a letra “O” substituída pelo círculo da bandeira do Brasil. A imagem focava na letra “O”, que se transformava no olho de um tucano. O tucano voava para os dois lados até formar o nome “Mário Covas”.

Paulo Maluf (PDS) mostrava pequenas peças que formavam o contorno do território brasileiro. Em seguida, o sobrenome do candidato aparecia junto das palavras “presidente competente”. O locutor repetia as palavras que apareciam na tela para enfatizar o slogan de Maluf.

Guilherme Afif (PL) iniciava seu programa apresentando a coligação Aliança Liberal Cristã, formada pelo Partido Liberal e o Partido Democrata Cristão. Imagens de mãos cumprimentando-se, gesticulando, puxando uma corda e unindo-se apareciam à tela. Enquanto passava as imagens das mãos, o refrão do *jingle* do candidato era reproduzido: “juntos chegaremos lá / fé no Brasil / com Afif, juntos chegaremos lá”.

Ulysses Guimarães (PMDB) iniciava e terminava seu programa de forma mais simples e sem muito destaque. O nome do candidato aparecia com uma imagem de um sol brilhando no fundo da tela e o locutor dizia “Ulysses presidente”. O *jingle* de campanha era chamado de “Bote Fé no Velhinho”, uma referência a idade avançada do presidenciável.

3.1 ANÁLISE DOS PROGRAMAS DO PRIMEIRO TURNO

Fernando Collor de Mello, Guilherme Afif e Paulo Maluf, candidatos que representavam os partidos de direita, tiveram muitas semelhanças durante os programas eleitorais. Os três presidenciáveis foram filiados ao PDS, inclusive no mesmo período (1981-1985). Em 1985, Guilherme Afif filiou-se ao PL e Fernando Collor de Mello filiou-se ao PMDB. Todos os presidenciáveis fizeram menção à região Nordeste como sendo um dos principais problemas do país. A questão religiosa esteve presente nos discursos de Guilherme Afif e Paulo Maluf. O candidato do PL afirmou em seu último programa que “o Brasil será a pátria do evangelho, o coração do mundo, o celeiro da humanidade”. O candidato do PDS afirmou que, apesar de ser contrário à pena de morte por motivos religiosos, iria implementar o método de punição caso a população quisesse.

Fernando Collor de Mello (PRN), líder nas pesquisas de intenção de voto desde o mês de junho (Datafolha), fez poucas menções a outros presidenciáveis durante a campanha do primeiro turno. Convidado para participar dos debates, o candidato do PRN optou por não comparecer. Fernando Collor de Mello procurou apenas reforçar sua imagem como um político jovem, defensor da população humilde, como mostra Figueiredo (2000, p. 214):

Entre uma dúzia de candidatos, alguns com mais de 30 anos de estrada, Collor foi o único a perceber que o país exigia uma mudança radical depois de 21 anos de ditadura e cinco do bagunçado e corrupto governo de transição de José Sarney. O eleitorado

queria um presidente que representasse uma nova prática política, que fosse um exemplo de moralidade e que olhasse pelos miseráveis. Collor então criou seu segundo personagem: o político independente que iria desbancar a elite corrupta do país e levar os descamisados ao paraíso.

Paulo Maluf (PDS) procurou utilizar encenações que simulavam situações da vida real. As encenações geralmente iniciavam seus programas e nelas havia críticas às faltas de oportunidades de emprego e à saúde pública. Outros recursos também foram utilizados pelo candidato, como o diálogo informal com o telespectador para criticar o valor do salário mínimo e uma entrevista com moradores de um condomínio para apresentar sua proposta de construção de moradias populares. Entretanto, Paulo Maluf foi um dos presidenciáveis mais atacados pelos adversários, principalmente pelo seu passado vinculado à ARENA, quando foi nomeado para cargos como o de governador de São Paulo (1979-1982).

Guilherme Afif (PL) começou a crescer nas intenções de voto a partir do início do HGPE, alcançando 6,4% das intenções de voto pelo IBOPE e 8% das intenções de voto no início de outubro. A grande razão para seu crescimento nas pesquisas era seu *jingle* de campanha e sua postura, conforme Gomes (2014, p. 68-69):

Além de representar um tipo específico de político, seu grande trunfo foi a elaboração de um dos mais bem-acabados programas entre todos os apresentados. [...] Afif representava, ainda, um perfil de um candidato sem similar no conjunto de opções oferecidas ao eleitor. Era um homem da elite, rico, mas tinha toda a aparência de classe média. Criticava o governo Sarney, como todos, mas parece que sua forma de colocar a crítica era mais prudente, racional.

A resposta dos concorrentes contra Guilherme Afif não demorou. Conforme os programas dos dias 04 e 06 de outubro, diversos presidenciáveis procuraram vincular a imagem do candidato do PL a uma postura de quem se demonstra contra os interesses dos trabalhadores. Sua rejeição de votos foi de 13% no final de setembro para 22% no final de outubro. O tom das críticas de Guilherme Afif se mostrou um pouco diferente apenas nos últimos programas eleitorais, quando chamou os sindicalistas de “fascistas” e disse que o socialismo era uma ideia “antiga, atrasada e contrária à democracia”. O principal alvo de Guilherme Afif foi Luiz Inácio Lula da Silva (PT), definido por ele como “o louco da estrelinha”.

Os presidenciáveis pertencentes à esquerda usaram seus programas eleitorais para mostrar sua oposição à ditadura civil-militar. Leonel Brizola evidenciou seu papel durante os anos de 1960, com a Cadeia da Legalidade e sua cassação pelo Ato Institucional Número Um. Luiz Inácio Lula da Silva mostrou imagens das greves e protestos durante os anos 1970 e 1980, na quais o candidato participava muitas vezes como líder. Já Mário Covas e Ulysses Guimarães

foram mais discretos, fazendo somente pequenas menções ao período da ditadura civil-militar e enaltecendo o regime democrático.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) falou sobre o problema da inflação em quase todos os programas do primeiro turno. Como visto no primeiro capítulo, o principal problema do país durante toda a década de 1980 foi a economia, com a inflação chegando a quase 2000% no ano de 1989. Imagens do presidente em protestos a favor das greves na época da ditadura civil-militar procuraram vinculá-lo a uma ideia de oposição à censura e à opressão dos anos 1970 e 1980. Segundo uma pesquisa do IBOPE realizada em julho de 1989, antes do início do HGPE, 29% da população apontou a inflação, a dívida externa e o desemprego como os principais problemas do país.

O discurso de Luiz Inácio Lula da Silva apresentava medidas imediatas e radicais para resolver o problema inflacionário. Manhanelli (1992, p. 43) aponta a repetição constante de um mesmo conteúdo como uma estratégia fundamental para a memorização. Como resposta, Paulo Maluf (PDS) se apresentou como “o anticandidato” de Luiz Inácio Lula da Silva e de Leonel Brizola. A candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva representava a resistência suprimida durante a ditadura civil-militar, conforme Moisés (1990):

[...] Luiz Inácio Lula da Silva, um *outsider da* política brasileira que, embora entando ingressar no jogo desde os primeiros anos da década, ainda era visto no início da campanha eleitoral mais como um líder sindical formado na luta contra a ditadura do que como uma liderança política de expressão nacional.

Leonel Brizola (PDT) procurou destacar sua gestão como governador nos estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Em ambos os estados, o candidato do PDT tinha uma forte base política. Entretanto, Leonel Brizola tinha um eleitorado pequeno nos demais estados brasileiros. Durante seus programas eleitorais, o presidente mostrou imagens de um CIEP no Rio de Janeiro, projeto educacional feito juntamente com o antropólogo Darcy Ribeiro. Os CIEPs foram posteriormente apelidados de “Brizolões”.

Apesar de ter sido o segundo colocado nas pesquisas eleitorais durante grande parte de sua campanha, Leonel Brizola acabou ficando de fora do segundo turno. Sua porcentagem de intenção de votos permaneceu sempre estável, ficando na média dos 13%. Uma das razões para a ida de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para o segundo turno é relatada por Gomes (2014, p. 77):

A Rede Globo de televisão apresentava, naquele final de anos 1980, um padrão de qualidade de imagem e produção que aproximava das grandes redes dos países mais ricos, como as norte-americanas ABC e CBS. As audiências globais ultrapassavam

tranquilamente o índice de 60%. [...] Tendo em conta esse estupendo poder de comunicação da maior rede de televisão, a produção petista criou a Rede Povo. [...] Colocaram as mensagens político-eleitorais que a Frente Popular queria transmitir numa roupagem de Rede Globo.

Além da questão do programa eleitoral, o candidato do PT também foi beneficiado pelos movimentos sociais. Conforme mencionado no primeiro capítulo, 16,6 milhões de grevistas foram às ruas para protestar em 1989. A Central Única dos Trabalhadores foi uma das entidades que convocou a greve geral, que ocorreu em março do mesmo ano. O protesto paralisou 12 capitais ao redor do país. O grande número de mobilizações influenciou a ida de Luiz Inácio Lula da Silva para o segundo turno, conforme Maciel (2012, p. 371):

A candidatura de Lula foi diretamente beneficiada pela intensa mobilização dos movimentos sindical e popular em 1989, conquistando uma inserção nacional não atingida por nenhuma das candidaturas de esquerda. O apoio da CUT [...] foi fundamental para isso. Nos dois turnos, a votação de Lula teve um perfil nacional, apesar de mais concentrada nas maiores cidades. Brizola, por exemplo, concentrou sua votação do Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, tendo um baixo desempenho em colégios eleitorais importantes, como São Paulo e Minas Gerais.

Mário Covas (PSDB) usou seus programas para falar sobre diferentes problemas do país, como a educação, o meio ambiente e a saúde pública. O candidato do PSDB procurou colocar-se como líder de pesquisas eleitorais e definir-se como o único capaz de derrotar Fernando Collor de Mello (PRN) em um eventual segundo turno. Ao mesmo tempo, Mário Covas procurou atacar seus concorrentes sem motivos aparentes (no programa do dia 16 de outubro, um total de seis concorrentes foram atacados). Apesar de ter a menor média de rejeição entre os candidatos analisados (14%, segundo o Datafolha), Mário Covas não conseguiu crescer nas pesquisas eleitorais, oscilando entre 4,9% e 7,3% (IBOPE).

Ulysses Guimarães (PMDB) definiu-se como um candidato da oposição, apesar de ser filiado ao partido de José Sarney. Mesmo assim, isso não foi o suficiente para melhorar sua situação entre os presidenciáveis que lutavam para concorrer ao segundo turno. O deputado federal de São Paulo teve uma média de 3% de intenção de votos contra 45% de rejeição de votos nas pesquisas realizadas entre abril e novembro (Datafolha). Pelo IBOPE, o candidato tinha 65% da rejeição dos votos no dia 03/10. Desacreditado, Ulysses Guimarães não compareceu no debate ocorrido no último dia de propaganda eleitoral.

O programa do candidato abordou temas como a agricultura e a fez críticas indiretas ao então presidente da República. Uma das estratégias do programa do PMDB foi explorar assuntos não abordados pelos outros programas, como por exemplo a desvalorização da mulher

e as dificuldades que elas encontram no dia a dia pelo simples fato de serem mulheres. Ulysses Guimarães enalteceu o papel feminino na sociedade brasileira e reforçou que oferecer oportunidades de empregos iguais para homens e mulheres e acabar com a violência contra a mulher eram medidas extremamente necessárias.

A divulgação das campanhas eleitorais através da televisão foi muito bem explorada pelos dois candidatos eleitos para o segundo turno. Os programas eleitorais de Fernando Collor de Mello (PRN) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) utilizaram discursos diferentes que se mostraram eficazes: o candidato do PRN tinha um discurso sobre modernizar o país, enquanto o candidato do PT tinha um discurso para mudar radicalmente a situação econômica. O efeito dos programas eleitorais é destacado por Miguel (2004, p. 6):

Os dois candidatos que chegaram ao segundo turno – Fernando Collor de Mello (PRN) e Lula (PT) – foram exatamente aqueles que apresentaram programas de televisão mais inovadores, revolucionando a linguagem da propaganda política no país. O desempenho do candidato do PT, em especial, costuma ser apresentado como a prova da importância do horário eleitoral [...]. Ele dobrou suas intenções de voto durante a exibição da campanha na TV, passando de 7% aos 17% que garantiram sua vaga no turno final.

A partir dessas informações, observa-se que os dois candidatos que se elegeram para o segundo turno tiveram êxito na utilização das propagandas eleitorais. A tabela abaixo mostra o resultado da votação do primeiro turno.

Quadro 4 - Resultado do Primeiro Turno

Candidato	Partido	Votos	Proporção
Fernando Collor de Mello	PRN	22.611.011	32,47%
Luiz I. Lula da Silva	PT	11.622.673	16,69%
Leonel Brizola	PDT	11.168.228	16,04%
Mário Covas	PSDB	7.790.392	11,19%
Paulo Maluf	PDS	5.986.575	8,60%
Guilherme Afif	PL	3.272.462	4,70%
Ulysses Guimarães	PMDB	3.204.932	4,60%
Outros	-	3.974.739	5,71%
Total de votos válidos		69.631.012	100,00%

Fonte: TSE. Elaboração do Autor.

No dia do centenário da Proclamação da República (15 de novembro de 1989), três dias após o término da exibição dos programas eleitorais, os eleitores foram às urnas para votar no próximo presidente da República. Conforme mostravam as pesquisas de intenção de voto do

Datafolha e do IBOPE, Fernando Collor de Mello (PRN) venceu o primeiro turno. Nos últimos dias de campanha eleitoral, Luiz Inácio Lula da Silva ultrapassou Leonel Brizola (ainda que por uma pequena diferença já que menos de meio milhão de votos separaram os dois candidatos) e chegou ao segundo lugar.

3.2 ANÁLISE DOS PROGRAMAS DO SEGUNDO TURNO

Pela primeira vez na história da política brasileira, a eleição presidencialista foi decidida no segundo turno. Durante o período da República Velha e a República Populista, a votação era decidida em apenas um turno. Por conta disso, especialmente entre 1945 e 1964, os vencedores das eleições raramente tinham mais do que 50% dos votos válidos.

Entre os sete candidatos selecionados, os dois presidenciáveis mais jovens elegeram-se para disputar o segundo turno. Fernando Collor de Mello (PRN) havia completado 40 anos em agosto, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva (PT) completou 44 anos no final de outubro. O eleitorado depositou suas esperanças em um político jovem para próximo presidente da República, acreditando que assim a situação do país mudaria. Segundo a pesquisa realizada em novembro de 1989 pelo IBOPE, 93% da população acreditava que o que faltava para país era um grande líder. Além da questão da idade, ambos tinham um único “inimigo”: Fernando Collor de Mello (PRN) teve como foco a “caça aos marajás”, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva (PT) teve como foco diminuir a renda concentrada “dos agiotas, banqueiros, empresários e latifundiários”. A questão do inimigo único é citada por Manhanelli (1992, p.43):

A individualização do adversário oferece inúmeras vantagens. Basta visualizarmos uma metralhadora que atira para todos os lados e outra que atira apenas no adversário. Temos de concorrer para vislumbrar o mais rápido possível, durante toda campanha eleitoral, quem é nosso principal adversário, sobre ele concentrando toda a nossa “artilharia”.

As regras do HGPE tiveram uma importante alteração para o segundo turno. Apesar da coincidência de Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva terem o mesmo tempo de propaganda durante o primeiro turno, foi o Art. 21 da lei 7773/89 que garantiu que os dois participantes do segundo turno teriam o mesmo tempo de propaganda. Ou seja, caso a disputa fosse entre Ulysses Guimarães (que possuía 22 minutos de propaganda) e um candidato de um partido sem representação no Congresso Nacional (que possuía 30 segundos de propaganda), cada um teria direito a vinte minutos diários de propaganda. Segundo o Art. 21 da lei 7773/89:

Ocorrendo a hipótese da eleição em segundo turno, a distribuição do tempo será igualitária entre os Partidos Políticos ou Coligações dos candidatos concorrentes.

1º Na hipótese prevista neste artigo, o tempo reservado para a propaganda eleitoral gratuita será de 40 (quarenta) minutos diários, sendo a metade à noite; os programas serão iniciados nos horários estabelecidos no art. 18 desta Lei.

2º A propaganda eleitoral gratuita, no segundo turno, realizar-se-á do dia seguinte à proclamação oficial do resultado do primeiro turno até 48 (quarenta e oito) horas antes da data fixada para o segundo turno.

A partir da definição dos candidatos que disputaram o segundo turno, a divisão ideológica dos dois candidatos ficou mais clara a partir da formação de apoios e alianças. Luiz Inácio Lula da Silva (PT) optou por mostrar o apoio de políticos durante seus programas, enquanto Fernando Collor de Mello (PRN) preferiu insistir em seu discurso de “ser contra os poderosos e tudo que aí está”. Os apoios políticos foram destacados por Alcântara et al. (2003, p. 5):

Levados ao segundo-turno, Collor e Lula rearticularam as forças políticas divididas no primeiro-turno. Ao lado de Lula, líderes da resistência ao regime militar, como Leonel Brizola, Mário Covas, Ulysses Guimarães, Roberto Freire, Miguel Arraes e Luiz Carlos Prestes, além de intelectuais e artistas identificados historicamente com a esquerda. Ao lado de Collor, o então ministro das Comunicações Antônio Carlos Magalhães, Jorge Bornhausen, de quebra o PFL, boa parte do patronato paulista, contando também com o nada discreto apoio da maior parte da mídia, a começar pela Rede Globo.

As alianças formadas durante o segundo turno reforçaram ainda mais a polarização entre os políticos identificados como a esquerda e os políticos identificados como a direita. Fernando Collor de Mello optou por não mostrar o apoio de Paulo Maluf e Ronaldo Caiado, do Partido Social Democrático, apesar de ter o apoio de grandes empresários, conforme o programa de Luiz Inácio Lula da Silva apresentou.

O candidato do PT, por sua vez, uniu-se com Leonel Brizola e Mário Covas, anunciou em diversos programas do segundo turno sua aliança com os adversários do primeiro turno. Com as alianças, Luiz Inácio Lula da Silva conseguiu forças para a disputa do segundo turno. Nas primeiras pesquisas, o candidato encontrava-se com 38% dos votos, enquanto seu adversário tinha 50% (IBOPE). A partir do início do horário eleitoral, essa diferença começou a diminuir.

Luiz Inácio Lula da Silva seguiu com seu discurso radical sobre as medidas que tomaria para resolver o problema da inflação no país, assim como as críticas aos banqueiros, grandes empresários e latifundiários. O candidato do PT também fez críticas aos políticos do período da ditadura civil-militar que se mantiveram na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Entrevistas realizadas posteriores ao debate indicaram que Luiz Inácio Lula da Silva tinha vencido. Conforme Machado (2011), o candidato Luiz Inácio Lula da Silva teve raciocínio rápido, com uso de frases curtas e coloquiais, soube livrar-se das armadilhas de Fernando Collor de Mello.

Os programas do primeiro turno revelaram o apoio de diversas personalidades, além de políticos filiados ao Partido Comunista do Brasil, Partido Socialista Brasileiro e ao Partido dos Trabalhadores à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. Os militantes dos partidos pertencentes à Frente Brasil Popular também foram mostrados nos programas. No segundo turno, a estratégia se repetiu: diversos atores, artistas e cantores apareceram cantando o *jingle* de campanha de Luiz Inácio Lula da Silva, “Lula Lá”. Através da aliança feita com Leonel Brizola e Mário Covas, o programa de Luiz Inácio Lula da Silva mostrou os militantes da coligação, do PDT e PSDB unidos durante os comícios do candidato do PT.

A estratégia de Luiz Inácio Lula da Silva provou ter sido eficiente para mudar o cenário das pesquisas de intenção de voto. Os dados do Datafolha mostram que o candidato do PT começou a evoluir a partir do início do HGPE no segundo turno. Na reta final de campanha, observou-se que a diferença entre Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello era praticamente a mesma, conforme Avelar (1992, p. 43):

Em dezembro de 1989, na semana anterior à votação para o segundo turno das eleições presidenciais, os dois candidatos, Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, encontravam-se tecnicamente empatados na preferência do eleitorado (46% e 45%). A candidatura de Lula vinha subindo progressivamente, tendendo a um efeito *bandwagon* conforme a publicação das prévias eleitorais.

O discurso de Fernando Collor de Mello sofreu uma mudança a partir do crescimento de Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas de intenção de voto do segundo turno. Enquanto os programas eleitorais do primeiro turno falavam sobre a modernização do país, o discurso do segundo turno voltou-se em atacar seu adversário. O conteúdo do discurso mostrou-se muito semelhante aos últimos programas de Guilherme Afif, com críticas ao modelo socialista e menções à queda do muro de Berlim.

A grande estratégia adotada pelo programa de Fernando Collor de Mello foi mencionar a vida pessoal do adversário. Durante o primeiro turno, os presidenciáveis usaram a vida política para criticar os demais concorrentes, mas nenhum mencionou o passado pessoal do outro. O relato de Miriam Cordeiro, ex-namorada de Luiz Inácio Lula da Silva, foi uma tentativa de frear seu crescimento nas pesquisas eleitorais. A antiga companheira do candidato do PT acusou-o de oferecer dinheiro para abortar a filha, racismo e de trair sua esposa, Marília Letícia Casa. A

declaração a respeito do aborto foi a mais extensa e a mais pesada. De acordo com os dados do IBGE, 83% da população brasileira declarou-se católica. Conforme Gomes (2014), a posição favorável ao aborto naquela época poderia comprometer a situação de qualquer político.

Além do relato de Miriam Cordeiro, Fernando Collor de Mello (PRN) teve a grande imprensa a seu favor. No dia 14 de dezembro, ocorreu o segundo debate presidencial. A exibição dos momentos do último debate do segundo turno teve uma edição favorável ao candidato do PRN, conforme Azevedo (2017, p. 100):

Nos telejornais, embora o noticiário fosse relativamente equilibrado em termos de volume de tempo e atenção às candidaturas mais competitivas eleitoralmente, os enquadramentos foram frequentemente favoráveis a Collor, como a célebre edição da TV Globo no debate final entre Collor e Lula na véspera do segundo turno.

A partir dos dados do Datafolha, percebe-se o impacto do relato de Miriam Cordeiro e da edição do último debate nas pesquisas de intenção de voto de Luiz Inácio Lula da Silva. O candidato do PT tinha 39% das intenções de voto na primeira pesquisa realizada em 22 de novembro. Esse número subiu para 45% das intenções de voto em 13 de dezembro, contra 46% de Fernando Collor de Mello. Após o programa das acusações de sua ex-namorada, Luiz Inácio Lula da Silva caiu para 44% no dia 16 de dezembro, enquanto Fernando Collor de Mello foi de 46% para 47%.

Quadro 5 - Resultado do Segundo Turno

Candidato	Partido	Votos	Proporção
Fernando Collor de Mello	PRN	35.089.998	53,03%
Luiz I. Lula da Silva	PT	31.076.364	46,97%
Total válidos		66.166.362	100,00%

Fonte: TSE. Elaboração do Autor.

No dia 17 de dezembro, a população voltou às urnas para decidir qual seria o próximo presidente da República. Fernando Collor de Mello venceu a eleição com 53% dos votos válidos, contra 47% de Luiz Inácio Lula da Silva. Apesar da pouca diferença de votos, o candidato do PRN venceu a eleição em 23 estados, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva venceu no Distrito Federal, em seu estado natal, Pernambuco, e nos estados de Leonel Brizola, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

3.3 IMPORTÂNCIA DA ELEIÇÃO PARA OS CANDIDATOS

O resultado da eleição presidencial de 1989 teve impactos distintos na vida dos sete candidatos analisados. Enquanto para Fernando Collor de Mello, Guilherme Afif, Luiz Inácio Lula da Silva, Mário Covas e Paulo Maluf significou a continuação de uma trajetória política, a eleição foi um golpe duro para o candidato Leonel Brizola. Apesar de conseguir eleger-se novamente como governador do Rio de Janeiro, ele não teve sucessos em candidaturas posteriores.

Três candidatos participaram da campanha do Plebiscito de 1993, que decidiu a forma de governo de país. Mário Covas, Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva foram favoráveis ao sistema republicano. Mário Covas apoiou o sistema parlamentarista, enquanto Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva apoiaram o sistema presidencialista.

Fernando Collor de Mello tomou posse como presidente da República no dia 15 de março de 1990. Depois de dois anos de governo, sofreu o processo de impeachment e renunciou ao cargo em dezembro de 1992. Seu governo ficou marcado pelas denúncias de corrupção envolvendo o tesoureiro de sua campanha, Paulo César Farias. Após anos vivendo fora do país, Fernando Collor de Mello tentou, sem sucesso, concorrer à eleição presidencial de 1998 e à eleição para prefeito de São Paulo. O ex-presidente exerce a função de senador pelo estado de Alagoas desde 2007. Atualmente, é filiado pelo Partido Republicano da Ordem Social.

Após a eleição de 1989, Luiz Inácio Lula da Silva concorreu as eleições presidenciais de 1994, 1998, 2002 e 2010, elegendo-se presidente da República em 2002 e reeleito em 2006. A eleição de 1989 colocou o nome de Luiz Inácio Lula da Silva no cenário nacional como um dos principais líderes da esquerda no país. Em 2018, o ex-presidente foi preso pelos crimes de lavagem de dinheiro e corrupção passiva. Sua prisão é considerada por muitos um golpe para impedi-lo de concorrer às eleições presidenciais de 2018. Luiz Inácio Lula da Silva continua filiado ao Partido dos Trabalhadores.

Leonel Brizola elegeu-se novamente como governador do Rio de Janeiro um ano depois da eleição presidencial. Depois de seu mandato no estado carioca, o fundador do PDT tentou concorrer novamente à eleição presidencial de 1994, mas a quantidade de votos recebidos por ele foi menor em comparação com 1989. Leonel Brizola também concorreu como vice-presidente na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva em 1998, ficando em segundo lugar. Em 2004, o ex-governador faleceu no Rio de Janeiro aos 82 anos de idade.

Mário Covas permaneceu como senador de São Paulo até 1995, quando foi eleito governador do estado paulista. O ex-presidenciável iniciou uma sequência de governadores de

São Paulo pelo PSDB que permanece até hoje. Seu neto, Bruno Covas também é filiado pelo PSDB e atualmente é prefeito da cidade de São Paulo. Mário Covas faleceu em 2001, aos 70 anos de idade.

Após mais uma derrota nas eleições, Paulo Maluf venceu a eleição para prefeito de São Paulo em 1992. Em 2006, elegeu-se deputado federal por São Paulo, cargo que manteve até 2018, quando seu mandato foi cassado e ele foi preso pelo crime de lavagem de dinheiro. Paulo Maluf é filiado ao Progressistas, que sucedeu ao PDS em 1995.

Guilherme Afif exerceu funções de secretário pelo estado de São Paulo entre 2007 e 2011. Entre 2011 e 2015, foi vice-governador de São Paulo durante o primeiro mandato de Geraldo Alkmin (PSDB). Também exerceu o cargo de Ministro-chefe da Secretaria de Micro e Pequena Empresa do Brasil entre 2013 e 2015. Atualmente, é filiado ao Partido Social Democrático e foi nomeado Assessor Especial de Empreendedorismo e Desburocratização do ministro da economia em 2019.

Ulysses Guimarães elegeu-se pela 11^a vez consecutiva como deputado federal por São Paulo em 1990. Pouco depois de participar da votação do processo de impeachment de Fernando Collor de Mello, em 1992, o ex-presidenciável sofreu um acidente de helicóptero com sua esposa, o ex-senador Severo Gomes e sua esposa e o piloto da aeronave. O corpo de Ulysses Guimarães foi o único que não foi encontrado entre as vítimas. Em decorrência do acidente, é dado como morto aos 76 anos de idade.

4 CONCLUSÃO

Como explicado na introdução, o presente trabalho busca descobrir a influência das propagandas eleitorais no resultado das eleições. Com o início do HGPE, percebeu-se que as propagandas eleitorais foram extremamente significativas para o resultado do primeiro e do segundo turno. As pesquisas de intenção de voto do Datafolha e do IBOPE tiveram grandes mudanças a partir das pesquisas feitas após 15 de setembro (data de início do HGPE). A relação entre a intenção de voto e a publicidade dos presidencialistas é reforçada pelo conceito de propaganda eleitoral definido pelo site do TSE:

Propaganda política é a propaganda em que partidos políticos e candidatos divulgam, por meio de mensagens dirigidas aos eleitores, suas candidaturas e propostas políticas, a fim de se mostrarem os mais aptos a assumir os cargos eletivos que disputam, conquistando, assim, o voto dos eleitores. A propaganda eleitoral tem suas diversas formas regulamentadas pela legislação eleitoral. Essa regulamentação visa, primordialmente, impedir o abuso do poder econômico e político e preservar a igualdade entre os candidatos.

A partir desse conceito, podemos concluir que Fernando Collor de Mello foi o candidato que se mostrou o mais apto para ser o próximo presidente da República. O presidencialista liderou as pesquisas de intenção de voto do Datafolha e do IBOPE nos dois turnos. Além das pesquisas de intenção de voto, Fernando Collor de Mello venceu o primeiro turno com 15,78% de vantagem e com 6,06% de vantagem no segundo turno contra Luiz Inácio Lula da Silva.

O HGPE significou, ao mesmo tempo, a ascensão e a queda para Guilherme Afif, uma vez que ele tinha 5% das intenções de voto em setembro, evoluindo para 8% em outubro e regredindo para 4% em novembro (Datafolha). Para Mário Covas, sua evolução não foi suficiente para chegar ao segundo turno, mas mostrou-se significativa. Segundo o Datafolha, o candidato do PSDB evoluiu de 5% em setembro para 10% em novembro. Por fim, as propagandas eleitorais tiveram importância ainda maior para Luiz Inácio Lula da Silva. O candidato do PT tinha apenas 6% das intenções de voto no início de setembro (Datafolha), disputando o terceiro lugar com Guilherme Afif, Mário Covas e Paulo Maluf. Na pesquisa realizada pelo Datafolha no dia 14 de novembro, um dia antes da votação do primeiro turno, Luiz Inácio Lula da Silva tinha 15% das intenções de voto, ultrapassando Leonel Brizola e ficando em segundo lugar nas pesquisas. A partir do crescimento dos demais candidatos, a intenção de votos de Fernando Collor de Mello (PRN) diminuiu, com uma variação de 33,7% entre os dias 21 e 26/09 e 23,4% de 06 a 10/11 (IBOPE).

A adaptação da metodologia da História Comparada com o recorte de tempo compreendido como Tempo Presente, possibilitou a compreensão da importância do processo democrático após o fim da ditadura civil-militar. A eleição de 1989 sempre foi um assunto que me interessou e por isso perguntei aos meus amigos e familiares que participaram dessa eleição qual havia sido a experiência deles. Sobre o Tempo Presente, Fico (2012) afirma que:

Uma das principais peculiaridades da História do Tempo Presente é a pressão dos contemporâneos ou a coação pela verdade, isto é, a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que busca narrar e/ou explicar. Trata-se, talvez, da única particularidade que verdadeiramente distingue essa especialidade das demais, embora muitos autores tenham tentado destacar outras singularidades do ponto de vista metodológico ou mesmo teórico. De fato, a marca central da História do Tempo Presente – sua imbricação com a política – decorre da circunstância de estarmos, sujeito e objeto, mergulhados em uma mesma temporalidade, que, por assim dizer, “não terminou”. Isso traz importantes consequências epistemológicas para o conhecimento que se deseja construir.

A particularidade do Tempo Presente do confronto do testemunho de indivíduos que viveram no período permite comparações da eleição presidencial de 1989 com a de 2018. Nos meses anteriores ao resultado do primeiro turno de 2018, diversos sites jornalísticos fizeram matérias analisando as semelhanças e diferenças entre as duas eleições. Os resultados do primeiro e do segundo turno de 2018 foram semelhantes aos de 1989: um presidenciável de um partido de menor expressão (Partido da Renovação Nacional, em 1989, e o Partido Social Liberal, em 2018) e um presidenciável do Partido dos Trabalhadores elegeram-se para o segundo turno, com vitória do candidato do menor partido.

Uma das maiores peculiaridades da eleição presidencial de 1989 foi o número de candidatos. Como cada candidato representava um partido político, havia um total de 22 partidos políticos disputando a eleição, sem contar as coligações. Após 1989, a eleição com maior número de candidatos foi a de 2018, com um total de 13. De acordo com o TSE, “o partido político, pessoa jurídica de direito privado, destina-se a assegurar, no interesse do regime democrático, a autenticidade do sistema representativo e a defender os direitos fundamentais definidos na Constituição Federal”.

O grande número de candidaturas da eleição presidencial de 1989 reforça a grande necessidade de autenticar o sistema representativo por parte dos candidatos. Como mencionado na introdução, a eleição de 1989 foi a primeira eleição para a escolha do presidente da República desde 1960. Com a eleição de Fernando Collor de Mello, acreditava-se que o regime democrático estava consolidado e o número de candidatos nas eleições seguintes reduziu de forma considerável.

Durante duas décadas, as eleições presidenciais aconteceram no país de forma pacífica e sem grandes movimentações por parte da população. Após a eleição de 2010, diferentes grupos voltaram a manifestar-se nas ruas com o objetivo de expressar sua opinião política. Tais manifestações não aconteciam desde o movimento das *Diretas Já*, ainda na metade da década de 1980. Ao contrário de 1983 e 1984, quando a população brasileira exigia poder escolher o presidente da República, a população questionou a legitimidade das eleições nos protestos realizados entre 2013 e 2018, chegando a clamar por uma intervenção militar como forma de solução dos problemas nacionais. Chauí (2017) conceitua a democracia da seguinte forma:

Forma política na qual, ao contrário de todas as outras, o conflito é considerado legítimo e necessário, buscando mediações institucionais para que possa exprimir-se. A democracia não é o regime do consenso, mas do trabalho dos e sobre os conflitos. [...] os sujeitos políticos não são simples votantes, mas eleitores. Eleger significa não só exercer o poder, mas manifestar a origem do poder, repondo o princípio afirmado pelos romanos quando inventaram a política: eleger é “dar a alguém aquilo que se possui, porque ninguém pode dar o que não tem”, isto é, eleger é afirmar-se soberano para escolher ocupantes temporários do governo.

A partir desse conceito, reforço a importância da democracia como forma de garantir a liberdade individual da população, além dos direitos civis, políticos e sociais. O direito de liberdade de expressão é uma conquista da população brasileira que jamais deve ser revertida. Além disso, a igualdade entre cidadãos, independentemente de cor, gênero ou religião é outro aspecto importante que caracteriza um regime democrático.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA et al. **Os Estudos sobre Mídia e Eleições no Brasil**. 27º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2003. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-27-encontro-2/gt-24/gt09-14/4189-arubim-os-estudos/file>. Acesso em: 26 abr. 2019.

ANDERSON, Percy. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.

ATLAS DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NO BRASIL. **Eleição de 1989**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

AVELAR, Lúcia. **As Eleições na Era da Televisão**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 4, n. 32, p.42-57, set. 1992.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **A Grande Imprensa e o PT**. São Carlos: Edufscar, 2017.

BARROS, José D'assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRETAS, Valéria. As maiores greves gerais que o Brasil já viu. **Exame**, São Paulo, 27 de abril de 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/as-maiores-greves-gerais-que-o-brasil-ja-viu/> Acesso em: 01 de nov. de 2019.

BRUSTLEIN et al. **Geografia do Voto nas Eleições Presidenciais do Brasil - 1989-2006**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CENTRO DE ESTUDOS DE OPINIÃO PÚBLICA. **Catálogo de Pesquisas**. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados. Acesso em: 16 de out. de 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Atlas Histórico do Brasil**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/>. Acesso em: 16 out. 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **FERNANDO COLLOR**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/collor-fernando> Acesso em: 16 de out. de 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **LEONEL DE MOURA BRIZOLA**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leonel-de-moura-brizola>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **LUIS INÁCIO LULA DA SILVA**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-inacio-da-silva>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **MÁRIO COVAS JÚNIOR**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mario-covas-junior>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **PARTIDO LIBERAL (PL)**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-liberal-pl>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **PAULO SALIM MALUF**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-salim-maluf>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **ULISSES SILVEIRA GUIMARÃES**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ulisses-silveira-guimaraes>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Comunicação e Democracia**. Revista de Comunicação da Fapcom, São Paulo, v. 1, n. 2, p.17-32, jul. 2017.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Os ministros da Nova República: Notas para entender a democratização do Poder Executivo**. Brasília: FGV, 2009.

MUNHOZ, Dercio Garcia. **Inflação Brasileira: Os Ensinamentos desde a crise de 30**. 1997. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/rec/REC%201/REC_1.1_03_Inflacao_brasileira_os_ensinamentos_desde_a_crise_dos_anos_30.pdf. Acesso em: 01 nov. 2019.

DEVECHI, Antônio. **Constituições do Brasil (1824 – 1988)**. Curitiba: Juruá, 2012.

FICO, Carlos. **História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro**. Varia História, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p.43-59, jan. 2012.

FIGUEIREDO, Lucas. **Morcegos Negros**. São Paulo: Record, 2000.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Atlas Histórico do Brasil**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/>. Acesso em: 01 de nov. de 2019.

GUILHERME AFIF. **Ousar para inovar**. Disponível em: <http://afif.com.br/perfil/>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

GOMES, Rodrigo de Aguiar. **1989: A Maior Eleição da História**. Porto Alegre: Lorigraf, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil de 1989**. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1989.pdf. Acesso em: 16 de out. de 2019.

JANOV, Pedro. **Horário Eleitoral Gratuito: Collor - 07/12/1989**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2R15V5S7Mp8&list=WL&index=5>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

LUA COELHO RARIDADES. **Eleições 1989: HGPE dos Presidentes - 01/10/1989**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gdPbipEh-ec&t>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

LUA COELHO RARIDADES. **Eleições 1989: HGPE dos Presidentes - 04/10/89**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CU0YTuIMp7s&list=WL&index=12>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

LUA COELHO RARIDADES. **Eleições 1989: HGPE dos Presidentes - 06/10/89**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2FWxw51B60&list=WL&index=14&t>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

LUA COELHO RARIDADES. **Eleições de 1989: HGPE dos Presidentes - 16/10/89**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29qtRPkrNgY&list=WL&index=7>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

MACHADO, Maria Berenice da Costa. **Debates nas campanhas presidenciais: Brasil 1989-2010**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro, Guarapuava, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/Debates%20nas%20campanhas%20presidenciais%20Brasil%201989-2010.pdf/view>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor: reformas políticas, democratização e crise (1985 – 1990)**. São Paulo: Alameda, 2012.

MANHANELLI, Carlos Augusto. **Eleição é guerra: marketing para campanhas eleitorais**. São Paulo: Summus, 1992.

MIGUEL, Luis Felipe. **Discursos cruzados: telenoticiários, HPEG e a construção da agenda eleitoral**. Repositório UnB, Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 238-258, jan. 2004.

MOISÉS, José Álvaro. **Eleições, participação e cultura política: mudanças e continuidades**. Scielo, 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451990000200007. Acesso em: 26 de abr. de 2019.

NOBLAT, Ricardo. **Collor - Minha voz é sua voz**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2MIGkUe5J4&list=WL&index=5>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

NOBLAT, Ricardo. **Crítica à Nova República - Segundo programa de Lula - 2º turno, 1989**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXSNfknGqks&list=WL&index=5>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

NOBLAT, Ricardo. **Sem direita nem esquerda - Campanha de Fernando Collor para presidente, 1989**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Bda2hEt8xPU&list=WL&index=5>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

RORSCHACHFR. **Último Programa Político: Collor ataca vida privada de Lula, 1989**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZPauNhdLsgA&list=WL&index=5>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

RORSCHACHFR. **Último Programa Político de Lula em 1989: Lula apresenta a filha Lurian**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZaBS2umaYnc&list=WL&index=5>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

UOL. **Índice – 1 – 1989 – Eleições – Datafolha**. Disponível em:
<https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/1989/presidente/indice-1.shtml>. Acesso em 16 de out. de 2019.

VJR. **Eleições 1989 - Brizola apoia Lula**. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=u4e_XEUYxds&list=WL&index=5&t. Acesso em: 16 de out. de 2019.

VJR. **Eleições Presidenciais - 04/11/1989**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=231NpdCfSYc&list=WL&index=9&t>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

VJR. **Programa Eleitoral de Lula - 05.12.1989/Lula's Electoral Program - December 5, 1989**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=n9XbVfTWdmY&list=WL&index=5>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

VJR ELEIÇÕES. **Eleições Presidenciais - 20/09/1989**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=RXAIng8mnz0&t> Acesso em: 16 de out. de 2019.

VJR ELEIÇÕES. **Eleições Presidenciais - 21/09/1989**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=qNqSlJhYmc&t> Acesso em: 16 de out. de 2019.

VJR ELEIÇÕES. **Eleições Presidenciais - 12/11/1989**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=AxNacln5Fcc&t>. Acesso em: 16 de out. de 2019.